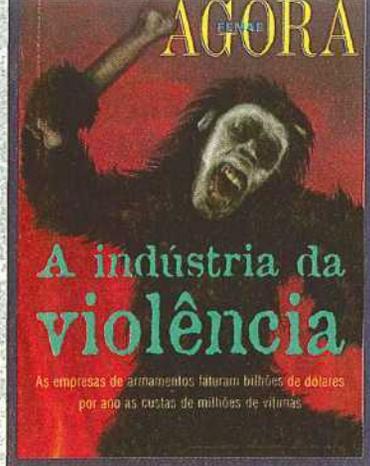


AGORA

FENAE

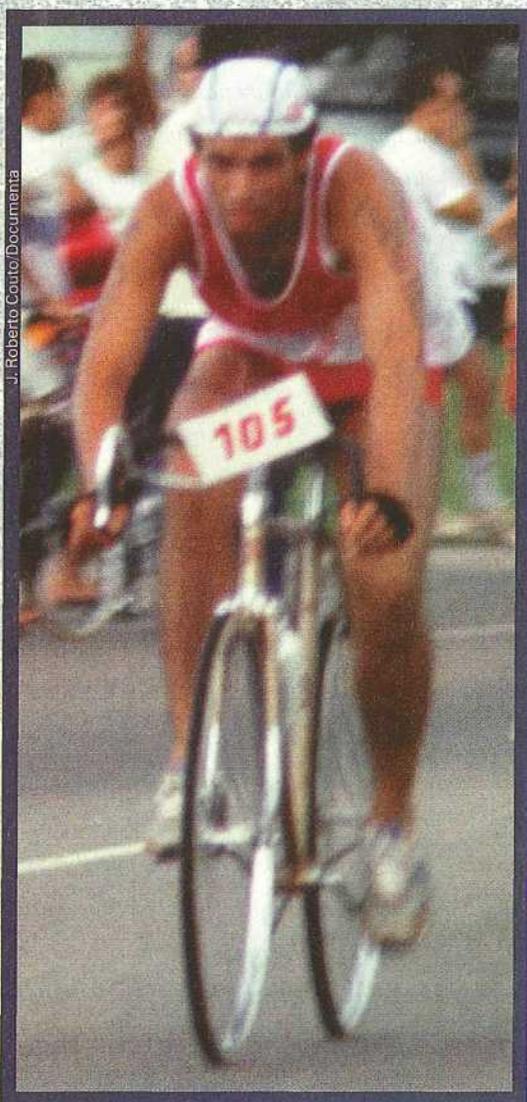
A indústria da violência

As empresas de armamentos faturam bilhões de dólares
por ano às custas de milhões de vítimas



Capa:

A indústria da violência movimenta bilhões de dólares. **Pág. 16**

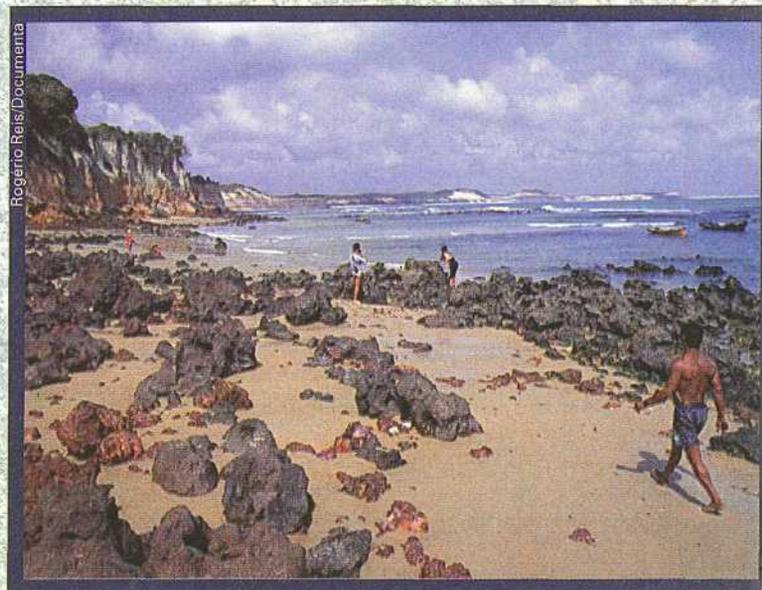


Adrenalina em duas rodas mostra o crescimento do ciclismo e o grande fascínio que desperta nas pessoas **Pág.31**

AGORA

FENAE

- 7 Feliz ano novo? Janio de Freitas prevê um desastroso 1999
- 8 As mudanças no quadro político pós-eleições e o futuro do país
- 11 A Europa rompe o isolamento e cria o maior mercado do mundo
- 14 Aloysio Biondi afirma que o Brasil é vítima de chantagens
- 15 No Congresso mostra os fundos de pensão na encruzilhada
- 24 Nossos Personagens lembra dez anos da morte de Chico Mendes
- 25 A noite de Natal já não é mais a mesma, perdendo o seu charme
- 28 Zé Côco do Riachão é mestre dos sons caipiras brasileiros
- 30 Tárík de Souza enaltece o samba e três bons lançamentos natalinos



Tibau do Sul, a 80 quilômetros de Natal (RN), reserva o paraíso da praia da Pipa - **Pág. 33**

Publicação da FENAE -
Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:

Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901
Telefone: (061) 323-7516
Fax: (061) 325-6057
Telex: (061) STM400 - Caixa Postal 33794
Homepage: www.fenae.org.br
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

Diretoria Executiva

Presidente:
Carlos Caser
Vice-Presidente:
José Francisco Zimmermann
Diretor Financeiro:
Carlos Borges
Diretor de Relações no Trabalho:
João Alberto Garcia Moschkovich
Diretor Administrativo:
Admilson dos Santos Canuto
Diretor de Esportes:
Jorge Cruz Marçal
Diretor Cultural:
Emanoel Souza de Jesus
Suplente: José Durval Fernandes Reis

Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto
Jesus Rodrigues Alves
Cláudio Pimentel Corrêa

Suplentes

Daniilo Aguiar Ferreira
Bernadete Santos de Aquino

Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida
Secretário: Fernando de Mello

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

Redação: Antônio José, Evandro Peixoto e
Marcio Sardi

Colaboradores: Janio de Freitas, Aloysio Biondi,

Tárik de Souza e Adacir Reis

Diagramação: Hélder Narde

Ilustração: Lisarb

Impressão: Bangraf

Tiragem desta edição (75 mil exemplares)
comprovada por Price Waterhouse, cuja carta-re-
latório encontra-se conosco. Face a problemas técnicos a
tiragem de outubro e novembro foi 73.000 exemplares

Os artigos assinados são de responsabilidade dos
seus autores. As matérias podem ser reproduzidas,
desde que citada a fonte.

Distribuição gratuita

O lucro como o maior valor

“O século XX é tragicamente contraditório. É o século do progresso e da destruição”. A afirmação é do analista internacional Newton Carlos e define, sucintamente, o conturbado período em que vivemos. Período de guerras, muitas guerras, como nenhum outro em toda a história da humanidade. Período de mortes, muitas mortes, aperfeiçoadas tecnologicamente década após década.

Estima-se em cerca de 200 milhões de pessoas o número de vítimas das guerras durante esses 98 anos. Se somarmos a isso todos os assassinatos ocorridos nos tempos ditos de “paz”, decorrentes da violência urbana, do tráfico de drogas e de tantos outros crimes, constatamos que, infelizmente, a vida do ser humano perdeu o valor.

No sentido inverso, sem qualquer escrúpulo, a indústria armamentista cresce como nunca. Em 1996 os gastos militares mundiais foram de US\$ 811 bilhões - superior ao faturamento das cinco principais indústrias mundiais. É o endeusamento do valor financeiro, do lucro pelo lucro, superando o valor da vida humana. É a triste lógica do mercado ... mercado de vidas.

O fim do milênio, entretanto, traz notícias alvissareiras. A Europa, palco das maiores guerras mundiais, começa sua unificação ano que vem. A partir de primeiro de janeiro 11 países europeus

terão uma moeda única - o euro - políticas externas e de segurança comuns. Cria-se a maior aliança já feita entre diversos países em todos os tempos. Daí nascerá - quando o Reino Unido se integrar ao grupo original - o maior pólo econômico do mundo, superando a hegemonia norte-americana e reequilibrando a economia mundial.

O ano que se aproxima tem outras novidades. Aqui na nossa terrinha começa um novo mandato dos poderes Executivo e Legislativo. Se por um lado devemos ter a consolidação das pseudoreformas do governo, por outro lado teremos

seis governadores de oposição, alguns em estados chaves da federação. Além disso, já começou a luta pela sucessão presidencial, em 2002.

Como estamos em dezembro, vale lembrar que o Natal vem aí. É tempo de

festa, de confraternização e de aumento das vendas pra compensar um pouco a recessão que se abateu sobre o país. Neste mês começa o verão. Para muitos é época de férias. A dica do mês é a praia da Pipa, no litoral sul do Rio Grande do Norte. Passeios de bugre pelas dunas, banho de mar com golfinhos, belas falésias, a Mata Atlântica se encontrando com o mar, comidas para todos os gostos e mais uma dezena de praias formam um convite irresistível pra quem puder dar um pulo em Tibau do Sul, município que concentra esse paraíso.

Mais de 200 milhões de pessoas foram assassinadas



Agência balzaqueana

Viagens espaciais, corrida armamentista, alta tecnologia espacial. Todos os ingredientes dos filmes de ficção estão no endereço www.hq.nasa.gov, da Agência Espacial dos Estados Unidos (Nasa). Com 40 anos de vida completados no dia primeiro de outubro, a Nasa tem um dos sites mais interessantes quando se trata de astronomia e vôos espaciais. Além disso, o endereço traz links para outros webs de educação, estudo da biosfera e tecnologia espacial.

Quem é exótico?

Pós-doutorada em história, a pesquisadora Janice Theodoro fala sobre a diferença cultural que marcou a chegada dos europeus ao continente americano, especialmente ao Brasil.

Em www.ceveh.com.br, ela aborda ainda o apogeu e declínio das grandes civilizações pré-colombianas - astecas, incas e maias.

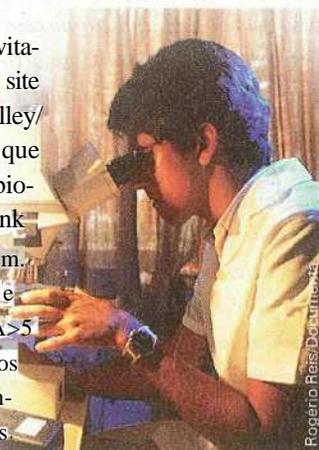


Paulo Miranda/Documenta

Site vitaminado

Conhece a história da vitamina? Pois então vá ao site www.geocities.com/NapaValley/1537/nu03000.htm para saber que a palavra foi criada pelo bioquímico polonês Casimir Funk

Já em www.probiotica.com.br e home.iis.com.br/~cfreit^A>5pages/nutriO2.htm estão os tipos de vitamina, onde são encontrados e suas aplicações.



Rogério Reis/Documenta

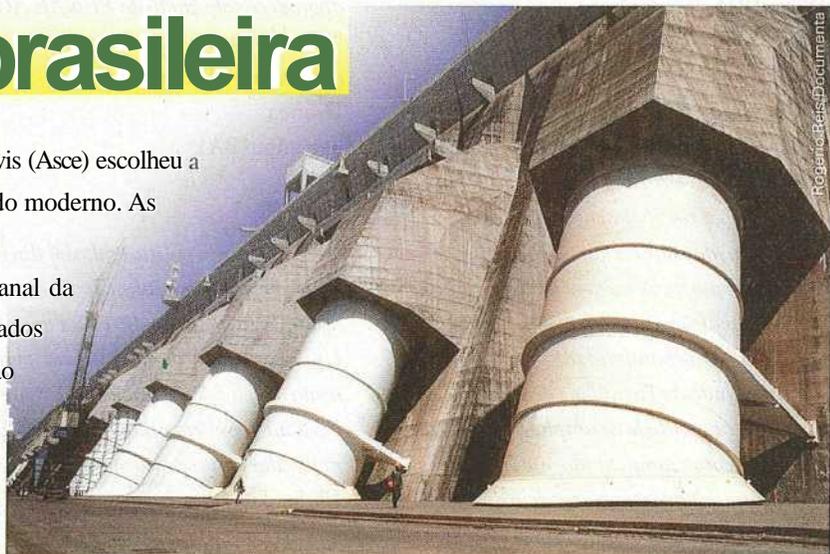
Para comemorar

O mundo inteiro comemora no dia 10 de dezembro os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Humanos. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos tem lançado documentos com informações sobre a declaração. E na página da ONU em espanhol - www.un.org/spanish - há outras informações sobre o aniversário.

Maravilha brasileira

A Associação Norte-Americana de Engenheiros Cíveis (Asce) escolheu a usina de Itaipu como uma das sete maravilhas do mundo moderno. As outras, segundo www.itaipu.gov.br, são:

- Eurotúnel, que une França e Inglaterra sob o canal da Mancha, ponte Golden Gate, em San Francisco (Estados Unidos), Canal do Panamá, que liga o Atlântico ao Pacífico, diques de contenção de água do mar do Norte, na Holanda, edifício Empire States, em Nova Iorque (Estados Unidos), e torre da Canadian National, em Toronto (Canadá).



Rogério Reis/Documenta

Profissionalismo

Tenho acompanhado a FENAE AGORA e quero parabenizar a equipe da publicação pelas reportagens tão bem conduzidas pelo grau de profissionalismo com que todos os temas são abordados. Considero uma revista superatualizada e muito interessante para o deleite à leitura.

Se fosse possível, gostaria de ver o retrato da Caixa Econômica Federal, desde o início até os dias atuais, a trajetória da empresa com ênfase no PRC e na implantação da rede de processos e os novos rumos da Caixa.

Outros assuntos importantes que merecem destaque e que me atraem são: espiritualidade, comportamento do ser humano e equilíbrio emocional frente às mudanças que hoje acontecem com maior velocidade.

Ana Maria Botelho Xavier
Belém (PA)

Utilidade

Ao tomar conhecimento desta publicação, interessei-me em também poder usufruir das matérias por ela abordadas. Como assessor de imprensa da Prefeitura de Italva, município do Rio de Janeiro, e apresentador de um programa informativo em uma das emissoras de rádio local, com certeza será a mesma de importante utilidade para o desenvolvimento de minhas funções.

Genilson Leite
Italva (RJ)

Cultura

É com justiça que venho lhes parabenizar pelas matérias e artigos da FENAE AGORA, publicação que vem engrandecer a cultura de seus leitores, principalmente pela escolha e tratamento de assuntos que são de suma importância para a consciência política.

Na condição atual em que me encontro (formando em contabilidade - nível técnico e vestibulando da Faculdade de Direito), vejo grande necessidade de ampliação de meus conhecimentos, atualizando-me em temas que encaminham para o exercício da cidadania plena, sustentáculo de uma sociedade democrática.

José Valdeil Oliveira Silva
São José do Alegre (MG)

Comunidade

A Universidade São Marcos (SP) elogia a FENAE AGORA e considera que a publicação, com temas de interesse da comunidade da Caixa Econômica Federal e matérias de cultura geral, vem enriquecer o acervo de periódicos do Brasil. Algumas edições da revista estão expostas na biblioteca da universidade, para ciência de alunos e professores.

Paulo Nathanael Pereira de Souza
São Paulo (SP)

Crítica

O secretário-geral da Federação Nacional dos Portuários (FNP), José Renato Inácio de Rosa, escreve para a redação da FENAE AGORA. Ele critica, em sua carta, a política neoliberal adotada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Entre outras coisas, Inácio de Rosa diz que o professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Rudiger Dornbusch, tem 100% de razão quando diz que "FHC é uma fraude e vai custar caro ao Brasil". Ele critica o governo que, primeiro, oferece ao FMI a cabeça do seu povo".

José Renato Inácio de Rosa
Brasília (DF)

Beleza

O Grupo de Recomposição Ambiental (Germen), de Salvador, acusa o recebimento e agradece pelo envio da FENAE AGORA. "Uma bonita revista. Gostaríamos de receber as próximas edições."

Dionéia
Salvador (BA)

Descompasso

Creio que a política salarial disaiminatória existente atualmente na nossa Caixa seja um autêntico desastre, um descompasso. Um gerente de setor nas agências perceber em torno de R\$ 3,5 a 4 mil e um gerente geral R\$ 5 mil, convenhamos que é uma afronta à massa dos empregados que está na faixa de R\$ 1 a 2 mil de salário, e trabalha tanto ou mais que seus respectivos chefes.

Sem aumento real de salário há quatro anos, somente a elite de gerentes foi beneficiada com polpudos ajustes em seus ordenados,

enquanto os funcionários comuns ficaram a ver navios. Isto está eirado e espero uma melhor política salarial para nossa classe economiária desprovida de função de confiança, pois, afinal, todos lutam pelo mesmo ideal que é a constante melhoria dos serviços e o aperfeiçoamento no padrão de qualidade de nossa Caixa.

Fernando Egypto Bezerra
Rio de Janeiro (RJ)

Agradável

Tive a oportunidade de fazer a leitura de uma das edições da FENAE AGORA e confesso que a experiência foi agradável e interessante.

Glácia Vitor
Catalão (GO)

Apreço

De ordem do magnífico reitor, professor Wilson João Zampieri, e com os cumprimentos de toda a equipe da Universidade Cruzeiro do Sul, agradecemos o exemplar nº 7 da revista FENAE AGORA - "Invasão de privacidade". Renovamos nossos protestos de estima e apreço.

Maria Aparecida Pires
São Paulo (SP)

Elogio

Na qualidade de aposentado da Caixa e associado da FUNCEF, cabe ressaltar meu interesse pelos assuntos abordados pela FENAE AGORA, bem como reconhecer a qualidade das reportagens, ilustrações e impressão. Aos responsáveis pela composição da revista, felicitações e o meu muito obrigado pela remessa.

Edgard Rodrigues Ferreira
Niterói (RJ)

A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).

Feliz Ano Novo?

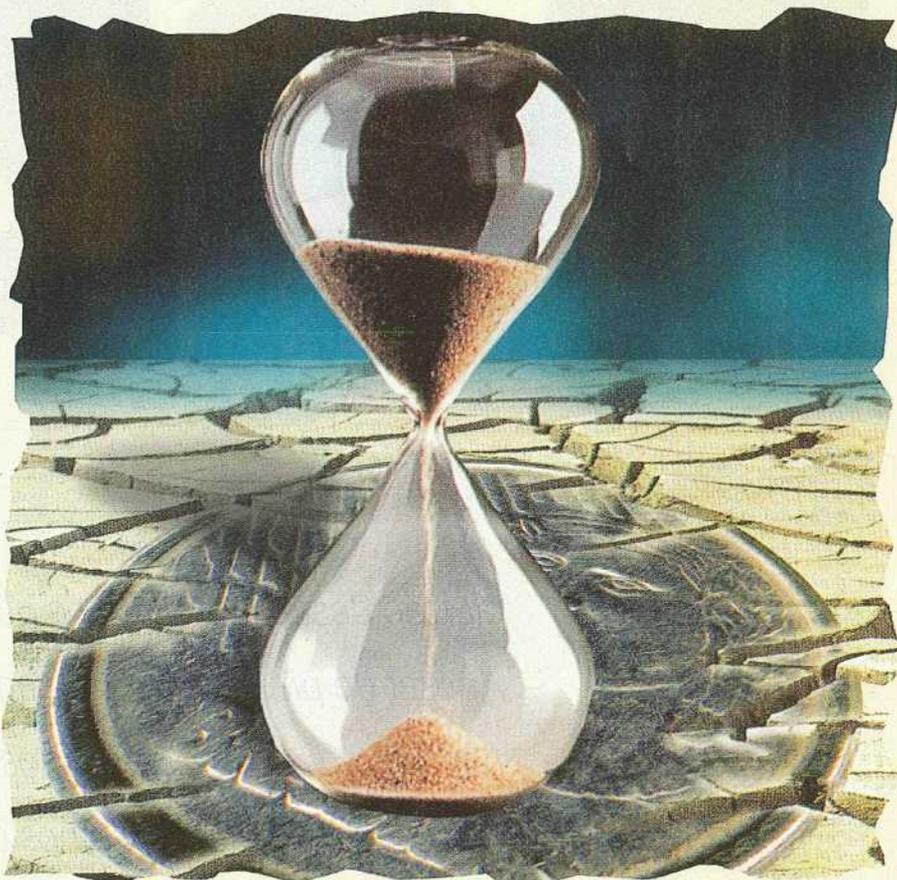
■ Janio de Freitas

Dezembro de 68 era um mês com todas as condições para fazer a maioria do país sentir que passava de um mau ano para um ano pior. Não foi propriamente assim, porém. Como acontecera em 64, parecia haver-se criado uma situação insustentável, que reverteria a um cenário menos agressivo no novo ano. Em relação ao seu precedente, e embora modestamente, 69 seria um Feliz Ano Novo.

Chegamos agora a um final de ano sem precedente, sem um caso sequer semelhante a esta absurda situação em que a unanimidade do país espera um ano pior do que o mau ano que finda. Uma situação em que nem o próprio governo consegue valer-se de sua especial habilidade para o ilusionismo e negar que do novo ano o que se deve esperar é recessão, maior desemprego, queda do poder aquisitivo, maior arrocho do funcionalismo (civil, bem entendido) já arrochado há quatro anos, piora da assistência à saúde já empobrecida, maior carência de recursos para educação, freio ainda mais forte na pesquisa científica, e por aí abaixo.

O que o governo modernizante, intelectualizado e globalizado de Fernando Henrique Cardoso reserva ao Brasil, quando se encerra o século, é tudo o que destrói um país e nada do que poderia melhorá-la em algum aspecto, por menor que fosse.

Previsões são sempre precárias, porque a força imponderável é infinitamente maior do que todos os dados e indicadores



de tendências. Ainda assim, ousa a impressão de que o governo Fernando Henrique Cardoso, com sua obtusa política de sustentação da estabilidade monetária, conduziu o Brasil a um ano desastroso que vai comprometer em definitivo o futuro nacional.

Para afundar na recessão, basta uma política econômico-financeira estúpida. Para superar, depois, os seus efeitos arruinantes são necessárias condições internas e

externas tão especiais que só o acaso as proporcionaria a um país já tão enfraquecido pela massa enorme de pobreza e miséria, de concentração da riqueza, de baixos níveis de educação e saúde, como o Brasil.

■ Janio de Freitas,
jornalista

Feliz 1999?

A eleição deste ano mudou o quadro político nacional. Apesar do presidente Fernando Henrique Cardoso ter conquistado mais quatro anos de mandato, inúmeros parlamentares novos foram eleitos, velhos caciques políticos foram derrotados, a oposição cresceu na Câmara e no Senado e elegeu seis governadores, alguns em Estados importantes na economia nacional, como o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul. Após o acordo com o Fundo Monetário Nacional (FMI) e o escândalo das fitas da privatização da Telerj, o país entra em 1999 já debatendo a sucessão presidencial e os rumos para enfrentar a recessão econômica.



Deputado Marcelo Déda (PT-SE)

Marcelo Déda

"O ano de 1999 será marcado pela sedimentação das forças políticas que saíram das urnas de 1998. A ação dos governantes de estados onde as oposições saíram vitoriosas, como no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, terá consequência na condução da política nacional. Teremos no Congresso um novo perfil, que vai revelar o aumento do peso político das oposições e a cristalização de divergências na base do governo. Então o próximo ano marcará uma alteração no rumo daquilo que foram os primeiros quatro anos de FHC.

Houve mudança no quadro político do país. Nos últimos anos, o governo manteve uma hegemonia mais aritmética do que política. As contradições vão se acirrar. A base do governo tinha como referência de coesão, primeiro, uma relação fisiológica via distribuição de favores. Em segundo lugar, o projeto de poder que a reeleição de FHC prometia manter. Agora, a reeleição não existe mais. Então o PSDB vai querer suceder o presidente, o PMDB já começa a se movimentar em torno de Sarney e Itamar e o PFL nunca escondeu seu desejo de disputar a eleição presidencial em 2002.

As medidas econômicas do governo trazem enormes reflexos no cenário político do país. Faz a sociedade ficar mais crítica. O resultado das eleições indica isso. Se é verdade que o processo eleitoral deu novo mandato a FHC, também é verdade que a sociedade resolveu fortalecer as oposições. Isso aponta para um aumento da consciência

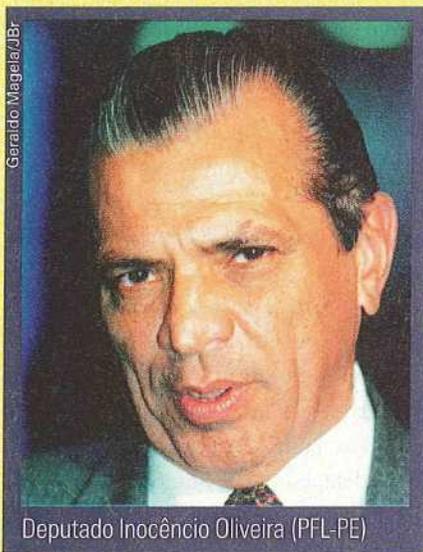
crítica e para um acompanhamento mais severo da gestão da política econômica."

Inocência Oliveira

"De 1999 esperamos os primeiros resultados da reforma da Previdência e do ajuste fiscal para clarear o cenário político. O próximo ano deverá fechar uma reforma política que tenha feição definitiva. Fundamental será a vivência do segundo mandato de FHC para as mudanças no país.

O quadro político mudou pouco. Aliás, a renovação do Congresso foi a menor das últimas décadas. É certo que a oposição cresceu no Poder Legislativo, mas o insuficiente para alterar a base de sustentação ao governo.

No momento delicado que atravessamos, tanto interno quanto externo, política e economia se unem mais e se refletem uma na outra. Convém esperar



Deputado Inocência Oliveira (PFL-PE)

e ver os resultados práticos do ajuste fiscal. Convém atentar para a queda da taxa de juros. Convém aguardar as reações da sociedade. Convém reparar o comportamento do FMI e do G-7. Internamente, precisaremos de criatividade diante da escassez de recursos e de uma ação dura do governo sobre os maus pagadores de impostos. A crise

poderá até surpreender, indicando caminhos viáveis para tocar o país para frente."

Alexandre Cardoso

O deputado federal Alexandre Cardoso (PSB-RJ), líder de seu partido na Câmara, acredita que o controle social sobre os novos deputados e senadores será maior na próxima legislatura. Ele concedeu a seguinte entrevista:

O controle social sobre os parlamentares será maior



FA - A sucessão presidencial começa quando?

Cardoso - Começou no dia quatro de outubro.

FA - Já podemos identificar pré-candidatos?

Cardoso - Cada partido tem o seu. O sentimento da oposição é forjar nomes. Mas acho que seria temeroso listar candidatos dentro de uma disputa entre os nomes de oposição a este modelo contra os que vão ser apoiados por ele.

FA - O PFL citou o ministro Pedro Malan, da Fazenda. Ele é realmente candidato?

Cardoso - Tenho dificuldade de identificar os nomes de uma frente de oposição, quanto mais do lado de lá...

FA - Qual a perspectiva do quadro político nacional para 1999?

Cardoso - Entendo que esse Congresso vai ter um controle social muito maior, porque vai haver uma classe média cobrando mais e outros segmentos excluídos também. O Estado, desmontado, será mais inacessível e tem caído muito de qualidade. Vamos começar uma reforma política pela reorganização da sociedade, cuja desorganização e falta de participação no processo político foram talvez as maiores consequências do golpe de 1964.

FA - O governo vai se manter hegemônico na próxima legislatura?

Cardoso - O governo perdeu duas pernas importantes no Congresso: Luís Eduardo Magalhães era o candidato da base governista e o ministro Sérgio Motta tinha

As previsões são sombrias devido ao ajuste fiscal

Recessão, desemprego alto, inadimplência generalizada, baixo crescimento econômico, arrocho salarial, quebra de empresas. Tudo isso ainda deverá fazer parte do cenário sombrio para o ano de 1999, mesmo com a nova arquitetura institucional definida pelas eleições de outubro deste ano. O ajuste fiscal que o governo brasileiro negociou com o Fundo Monetário Mundial (FMI), a quem caberá emprestar ao país um volume de dinheiro de US\$ 41,5 bilhões, além de acentuar a dependência do Brasil aos recursos externos, é visto como pedra no caminho das políticas públicas de orientação social e do incentivo aos setores produtivos.

É verdade que a eleição de governadores ligados a partidos de esquerda em estados importantes como o Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, bem como a nova composição do Congresso Nacional (com o registro do fortalecimento do bloco parlamentar progressista), força algumas pequenas mudanças no quase monolítico esquema de apoio político ao governo federal. E, ao mesmo tempo, faz disparar o gatilho da sucessão presidencial de 2002. Mas também é verdade que a continuidade do quadro de desequilíbrio externo e de desequilíbrio interno das finanças públicas é fator de permanente crise no alicerce econômico e político da sociedade brasileira.

A persistir essa situação de crise por tempo indefinido, constata-se que o cenário internacional de adversidade econômica contribui muito para que 1999 seja um ano de enormes dificuldades, principalmente para os trabalhadores.



autoridade para representar o governo nas negociações com a base. Não há mais candidato de consenso nem figura de representatividade nas negociações políticas. Existe uma disputa pela sucessão de FHC que parte do PFL, PSDB, PPB. Talvez o partido mais distante de ter uma representação é o PMDB, que se caracterizou como uma força representativa na sucessão presidencial. Está agregado ao poder mas não quer disputá-lo

Luiz Carlos Hauly

O deputado federal Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), Vice-líder do governo no Congresso, antecipa que os tucanos vão lutar pela implantação do parlamentarismo no Brasil a partir de 2006. Confira trechos de sua entrevista:

FA - Quais as perspectivas políticas para 1999?

Hauly - A reeleição abre nova perspectiva administrativa para o governo. Fernando Henrique, em seu segundo mandato, poderá concluir as reformas para dar continuidade ao programa da remodelagem do Estado brasileiro. O Estado tem que servir ao povo através da educação, saúde, segurança, justiça, tem que ser forte para controlar os abusos contra a ordem econômica e a economia popular. E é o que estamos fazendo no Brasil. O ano de 99 é o começo de um novo mandato que vai possibilitar a conclusão de todas as reformas para colocar o Brasil no eixo que queremos.

FA - Para o governo fazer o que acha

necessário, a hegemonia no Congresso está mantida?

Hauly - Não tenha dúvida. O governo se reelegeu e mantém maioria folgada, na Câmara e no Senado, de mais de 70%.

FA - Nesse quadro, a próxima sucessão presidencial já começou?

Hauly - Abre-se um espaço grande para que os partidos se movimentem na construção dessa nova perspectiva que se abre para o Brasil. Mas, ainda dentro das reformas, digo que ainda falta a reforma do Judiciário e a política, que poderão ser concluídas ainda nesse governo. Na reforma política, há o parlamentarismo.



FA - A reforma política, incluindo o parlamentarismo, pode dar novo perfil à sucessão?

Hauly - Sem dúvida. Talvez a próxima sucessão seja a última presidencialista. A partir de 2006, devemos criar a figura do primeiro-ministro.

FA - Que análise política o senhor faz do pacote fiscal do governo?

Hauly - É um ajuste macroeconômico que o governo está fazendo, indicando para os estados e municípios também acompanharem, para dar resposta aos agentes econômicos brasileiros e internacionais. É evidente que, se o governo gasta mais do que arrecada, cria desconfiança perante quem compra títulos.

O Brasil precisa do ajuste para demonstrar que o governo é atuante para resolver seus problemas. A resposta, me parece, tem sido positiva.

A Europa rompe o isolamento

Unidade Européia começa a vigorar em 1999, num crescendo até o ano de 2002

A Europa do ano de 1999 será marcada por um acontecimento relevante, do ponto de vista econômico e político. É que, a partir de primeiro de janeiro do próximo ano, 11 países europeus (Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Finlândia, Holanda, Itália, Irlanda, Luxemburgo e Portugal) passam a adotar o euro como moeda única. Trata-se de um passo decisivo para a consolidação da União Européia, que resume a mais ousada experiência de integração econômica e política jamais tentada por um grupo de nações altamente industrializadas.

Se tudo der certo, dentro de apenas alguns dias, países que há 50 anos tentavam se aniquilar vão ter uma moeda única e políticas externas e de segurança comuns. Ficam de fora do euro, por enquanto, o Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte), a Suécia, a Dinamarca e a Grécia. Juntos com os outros 11 países que lançam a moeda única em 1999, eles formam um mer-

cado comum apelidado de União Européia.

O princípio da livre circulação de mercadorias, serviços e capitais será gradativamente adotado na Europa. O capítulo da adaptação do mercado europeu ao euro ainda demorará um pouco para chegar a um final feliz. Até julho de 2002, época em que pelo menos 13 bilhões de notas de euro vão estar circulando, substituindo as 11 moedas dos países envolvidos nesse processo, a União Européia estará vivendo sob um sistema monetário relativamente virtual. Até essa data, a conversão das moedas locais obedecerá a uma triangulação com o euro. Os produtos serão cotados em euro e em franco francês, por exemplo. Deve-se adotar o seguinte procedimento para converter o franco francês em lira italiana: calcula-se, primeiro, o valor em euro para em seguida se chegar ao correspondente em lira. No entanto, a partir de janeiro de 1999, caberá ao Banco Central europeu,

com sede em Frankfurt (Alemanha), monitorar a política monetária da União Européia.

Cenário Talvez seja difícil prever que papel a União Européia passará a desempenhar no cenário econômico mundial, num tempo em que a globalização multiplica os lucros mas também a pobreza. É certo que o mundo mudou. Segundo o professor Eiiti Sato, do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), a União Européia poderá tornar-se um fator de crescimento e de

estabilização da economia internacional porque representa, sobretudo para países como o Brasil e para regiões como a América do Sul e o Sudeste Asiático, excelentes oportunidades comerciais. Sato acha que o desenvolvimento da União Européia não precisa ser visto como um desafio à posição norte-americana no mercado internacional.

A mais ousada
iniciativa
política de
integração



Comunidade Econômica Européia foi o primeiro passo

O longo e difícil caminho para a União Européia completou no primeiro semestre deste ano 41 anos de vida, desde que a cidade de Roma (Itália) sediou, em 1957, um encontro histórico: o da criação da Comunidade Econômica Européia. Um programa que ultrapassa a integração econômica e inclui a formação de instituições políticas supranacionais, como o Parlamento Europeu, o Conselho de Ministros e o Comitê Econômico e Social e Comitê das Regiões (representantes das categorias profissionais e sociais européias), além da formulação de política externa conjunta.

O termo União Européia passou a existir com o Tratado de Maastricht (Holanda), em sete de fevereiro de 1992, composto por dois outros acordos: o da união política e o da união monetária e econômica. Os direitos de livre circulação, assistência previdenciária, igualdade entre homens e mulheres e melhores condições de trabalho para cada cidadão da União Européia estão em tese garantidos por Maastricht, assim como a unificação das leis trabalhistas, criminais e de imigração. Um obstáculo é a transferência do poder dos governos nacionais para a poderosa euroburocracia a ser instalada em Bruxelas, na Bélgica.

Noruega e Suíça estão fora da União Européia. A Noruega, aliás, é o único país escandinavo que não faz parte do esboço de uma unidade européia. Boa parte dos países da Europa Central declarou intenção de aderir a esse processo, visto como fator crucial para o desenvolvimento econômico e estabilidade democrática do velho continente.

Estatisticamente, assim que o Reino Unido aderir ao euro, o que não tem data marcada, a área de integração econômica da Europa tenderá a suplantiar em volume de riqueza o mercado norte-americano. Essa hipótese é confirmada por Eiiti Sato. Ele diz que os EUA já não possuem a tranquilidade de antes para determinar as diretrizes das negociações comerciais no plano internacional. 'Aí pelos anos 90, o volume do comércio exterior norte-americano soma em torno de US\$ 1 trilhão por ano, enquanto o da Alemanha chega a US\$ 800 bilhões. Isso significa que o governo dos EUA tem que negociar e não mais impor a sua vontade a outros mercados', explica o professor da UnB. Ele cita a formação da Organização Mundial do Comércio (OMC), que substituiu o Gatt (Acordo Internacional de Tarifas e Comércio), como a expressão mais elaborada dessa nova realidade.

Com o Brasil, o comércio da União Européia tem produzido alguns resultados significativos. De janeiro a setembro deste ano, o mercado europeu absorveu US\$ 11,4 bilhões em produtos brasileiros. Essa parceria foi responsável por cerca de 29% do total das exportações do Brasil nesta data, passando a Europa a ocupar a privilegiada posição de principal mercado para os produtos "made in Brazil". Igualmente relevantes têm sido as importações. Ainda de janeiro a setembro, as compras brasileiras de produtos europeus totalizaram US\$12,2 bilhões, ou cerca de 28,3% de tudo que o nosso país importou no período.

É no plano político talvez que a União Européia encontre os maiores entraves para se consolidar como um mercado comum genuíno. Acontece que, diferentemente da época da Guerra Fria, 14 dos 15 países da União Européia são hoje governados por partidos de esquerda ou coligações com participação esquerdista. Apenas a Espanha continua sob o manto de um governo com claro perfil conservador.

Seja como for, porém, o certo é que tanto os governos de esquerda quanto os de direita na Europa estão dormindo em colchões duros e incômodos. O desemprego é, a olhos

vistos, o problema mais agudo do velho continente. Como atacá-lo, sem mexer nos benefícios concedidos aos cidadãos durante o período em que vigorou o Estado de bem-estar social, eis a maior dificuldade.

Levantamentos preliminares indicam que mais de 18 milhões de

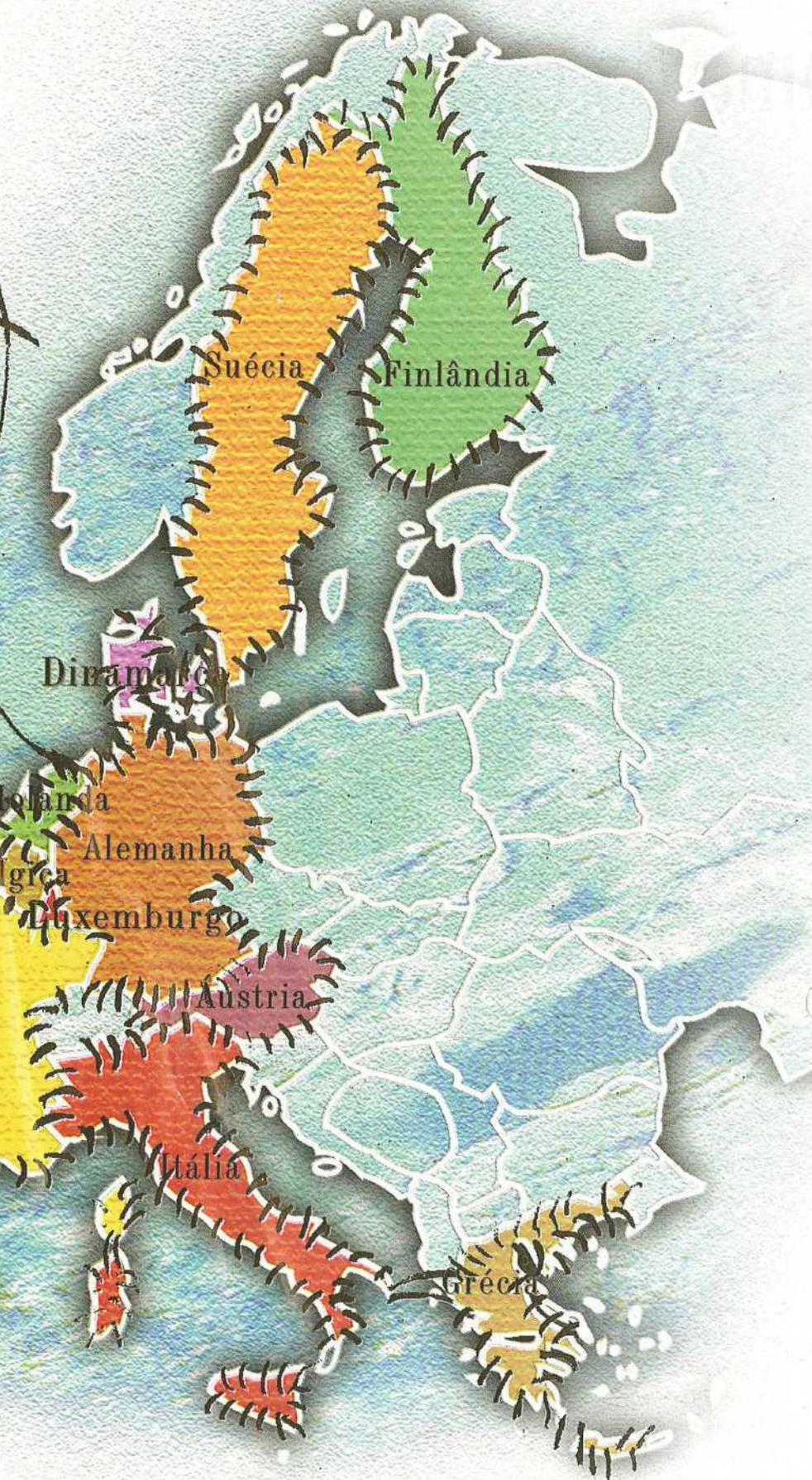
trabalhadores perambulam, por não terem o que fazer, pelo vasto e rico território da União Européia. Resumo da ópera: a decisão de criar a moeda única pode dar ao continente europeu o formato de bloco econômico com peso global, mas não se traduz necessariamente, em proteção social, trabalhista ou ambiental.

Sobre esse assunto, o renomado sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas concedeu entrevista ao

jornal

A Europa é o maior parceiro comercial do nosso país





"Die Zeit", reproduzida recentemente pelo caderno Mais! da "Folha de S. Paulo". Na ocasião Habermas afirmou que a política tem de se questionar se deve seguir indefinidamente o caminho da desregulamentação, formulando a pergunta segundo a qual pode e deve haver um exercício do poder democraticamente legitimado para além do Estado nacional. A resposta por ele dada vai no sentido de que "os objetivos políticos resultariam então da necessidade regulamentadora que se encontraria mais à mão, depois de o mercado interno europeu se aperfeiçoar pela política monetária comum". Na opinião de Habermas, o risco de que os espaços de ação para a política efetiva se tornem cada vez menores e as fronteiras cada vez maiores bate à porta da Europa como uma avalanche, caso o modelo do liberalismo econômico puro pregado em épocas passadas por Margaret Thatcher (ex-primeira-ministra da Inglaterra) triunfe na União Européia, com maior ou menor entusiasmo.

Comum O processo de unificação política e econômica em curso na Europa não teve início em março de 1957, quando Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Itália, Holanda e Luxemburgo se reuniram em Roma para criar a Comunidade Econômica Européia (CEE) - atual União Européia. A tentativa de formar um mercado comum europeu deita suas raízes mais profundas no passado histórico. Remonta-se até mesmo para além da Idade Média, quando, sobre as ruínas dos impérios grego e romano, levantou-se uma civilização que teve a capacidade de unificar a população da Europa sob o signo do cristianismo. As duas guerras mundiais também desempenharam papel decisivo no rumo dessa unidade. 'Assim que acabou a Segunda Guerra Mundial, de novo começava a surgir na Europa o receio de que antiga rivalidade entre França e Alemanha voltasse à tona por conta de uma disputa de regiões geoeconômicas na fronteira entre os dois países. Em 1951 foi criada a Comunidade Européia do Carvão e do Aço (Ceca). Ou seja: aquilo que deveria ser um conflito, na verdade, foi resultado de um processo de cooperação. Isso quer dizer que hoje, mais do que motivações políticas, a União Européia faz parte de um processo histórico que não dá mais para reverter", avalia o professor Eiiti Sato. 

O Brasil vítima da chantagem

■ Aloysio Biondi

Vêm aí menos recessão, menos desemprego, menos quebraadeira de empresas, menos impostos com a aprovação do FMI e do governo Clinton. Não se entusiasme, porém. Tudo isso é verdade, sim. Mas, não para o Brasil.

Quem conseguiu aquele tratamento favorável, nos primeiros meses deste semestre, foram a Tailândia e a Coréia, os primeiros "tigres asiáticos" a mergulharem na crise, no final de 1997. Nos dois casos, o FMI reduziu as metas previstas no "pacote de ajuda" - entre elas, a redução do "rombo" do Tesouro, - que havia exigido para montar uma operação de "socorro" na época da explosão. Estão confirmadas, portanto, as previsões (feitas por esta coluna na edição de setembro de 1998) sobre as conseqüências do debate sobre os males provocados pelo neoliberalismo e os remédios errados impostos aos países "emergentes". Há mudanças importantes, em marcha na economia mundial. Infelizmente, o Brasil não tirou proveito dessa "virada", embora tivesse todas as chances de ser o maior beneficiário da nova tendência - pelo fato puro e simples de sua "quebra" ter ocorrido no auge do debate (veja a coluna citada, "Os (bons) frutos da crise").

O FMI, governo Clinton, os credores internacionais impuseram um "pacote" duríssimo ao povo brasileiro e que, o que é pior, na verdade agravará problemas que levaram o país à falência. Como explicar que o FMI tenha sido tão "compreensivo" com a Coréia e a Tailândia, abrandando exigências, e tão duro, mantendo o "receituário amargo", com o Brasil?

Resposta: o governo Fernando Henrique Cardoso curvou-se, manteve o país como a (possivelmente) última vítima da "onda neoliberal", e todas as suas conseqüências. Um caso de chantagem.

Qual é o jogo de quebra-cabeças? É lógico que Camdessus, do FMI, e Clinton, daqui a alguns meses abrandarão as exigências feitas ao Brasil - mesmo porque, repita-se, elas tenderão a agravar os problemas, e não solucioná-los. Até lá, porém, o Brasil será forçado a manter o "modelo neoliberal", garantindo dois objetivos principais de Camdessus e Clinton. O primeiro, e mais importante: a manutenção da política de privatização, incluindo-se aí, mesmo que de forma parcial, a Petrobras (se você duvida, é só esperar pra ver). O segundo objetivo, essencial para EUA: a manutenção da política de "escancaramento" do mercado às importações, vital para as empresas norte-americanas (principalmente à medida em que, como também previsto, a crise da economia dos EUA avança, explicando assim as sucessivas reduções nas taxas de juros implantadas pelo Banco Central norte-americano).

A chantagem é clara. O FMI/EUA exigiu a manutenção das altas taxas de juros no Brasil - apesar de saber que elas são as principais responsáveis pelo rombo do Tesouro, da União e estados. Hipocritamente, exigiu também metas ambiciosas para a redução desse rombo. Ao mesmo tempo, o FMI/EUA proibiu o Brasil de estabelecer controles sobre as importações/capitais especulativos, como outros países estão fazendo - apesar de o FMI/EUA saber que essas importações são devoradoras de dólares, isto é, agravam o rombo do

Brasil em moeda estrangeira. Vale dizer: além de agravar a recessão, o desemprego, a "quebraadeira", o pacote não reequilibrará a economia brasileira, caminho apontado para reconquistar a tão-falada confiança dos investimentos estrangeiros...

Nesse quadro, os problemas se agravarão. Af- racionam Camdessus, Clinton e beneficiários do neoliberalismo, o governo Fernando Henrique Cardoso terá argumentos para justificar a manutenção de políticas desastrosas aos interesses nacionais - como as privatizações a toque de caixa e em condições marcadas por aberrações. Exatamente como, neste final de ano, a deterioração da economia brasileira foi explicada como "conseqüência da crise mundial" - permitindo que a renúncia incondicional ao FMI/EUA fosse aceita passivamente pela opinião pública. Vítima de chantagem, a sociedade brasileira vai perder a oportunidade de rediscutir seus caminhos, em busca de um projeto nacional como empresários, sindicalistas, classe média e povão tiveram no passado. Um quadro desalentador. A menos, óbvio, que o Congresso Nacional, alertado pelo caso das "fitas do BNDES", se encha de brios e retome o seu papel de representante dos interesses nacionais - e, não, dos interesses do Executivo. Um papel que entidades representativas, inclusive sindicais, podem exigir dos congressistas.

Aloysio Biondi,
jornalista.

Demissão à vista e a prazo

O "script" da reforma administrativa forjada pelo governo Fernando Henrique Cardoso continua envolto em controvérsias. Recentemente, como parte de mais um capítulo dessa novela macabra, o Executivo apresentou os projetos 243/98 e 481/98. Ambos definem as "carreiras exclusivas de Estado", que seriam representação judicial e extra-judicial, defensoria e segurança pública. Pelo primeiro projeto, o servidor público, cuja carreira não se encaixar naquele time, poderá ser demitido por simples avaliação de desempenho, sem necessidade de processo administrativo. Pelo segundo projeto de lei, quem não pertencer a elite dos "exclusivos de Estado" somente poderá ser contratado pela CLT.

História do Congresso

Na década de 50, o jornalista Samuel Wainer montou uma empresa de comunicação chamada "Última Hora", com dinheiro do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. E, por conta disso, foi duramente criticado pela oposição daquela época. Acuado, o próprio Wainer propôs uma CPI, pois o governo (responsável pelos empréstimos) tinha maioria folgada no Congresso. O resultado foi um desastre, pois as ligações incestuosas do jornalista com os interesses governamentais vieram à tona. "Foi um grande erro", disse Samuel Wainer mais tarde. Talvez seja por isso que o atual governo teme tanto uma CPI. A informação descrita acima consta no livro "Minha razão de viver", de Samuel Wainer, editora Record.

O "script" da reforma administrativa forjada pelo governo Fernando Henrique Cardoso continua envolto em controvérsias. Recentemente, como parte de mais um capítulo dessa novela macabra, o Executivo apresentou os projetos 243/98 e 481/98. Ambos definem as "carreiras exclusivas de Estado", que seriam representação judicial e extra-judicial, defensoria e segurança pública. Pelo primeiro projeto, o servidor público, cuja carreira não se encaixar naquele time, poderá ser demitido por simples avaliação de desempenho, sem necessidade de processo administrativo. Pelo segundo projeto de lei, quem não pertencer a elite dos "exclusivos de Estado" somente poderá ser contratado pela CLT.

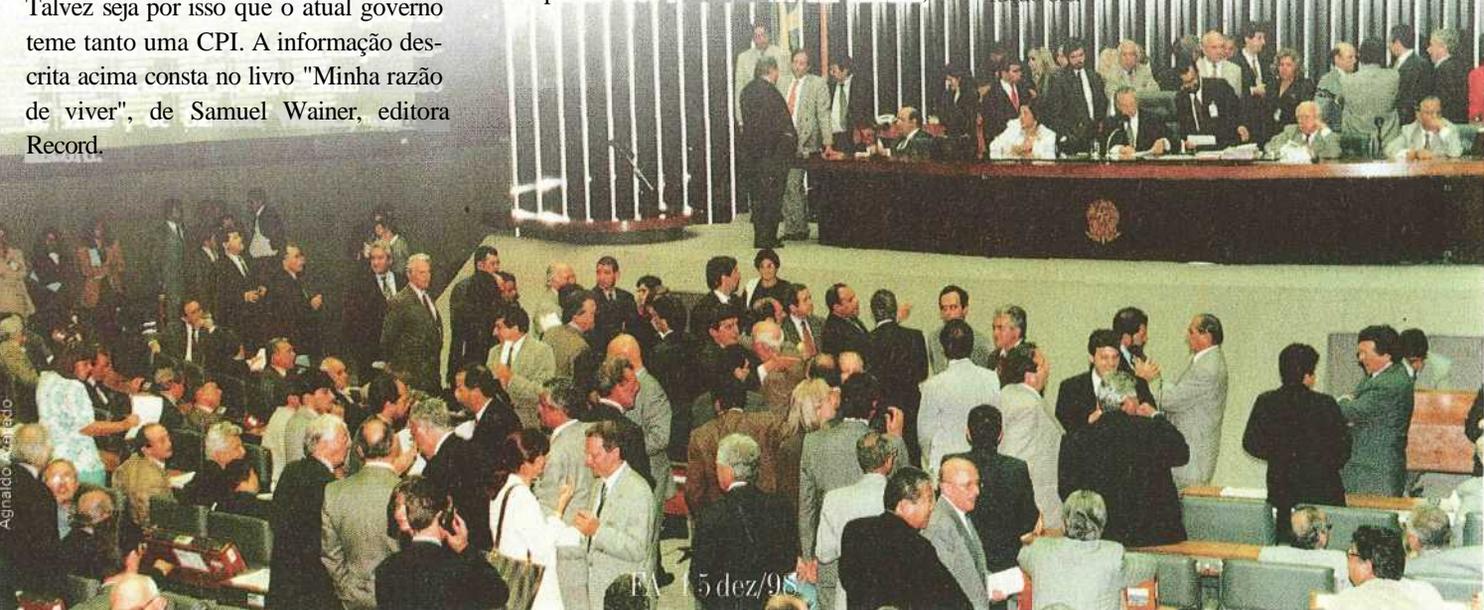
Estrutura sindical

O governo federal enviou ao Congresso Nacional a proposta de emenda constitucional nº 623/98, com alterações profundas na estrutura sindical do país. Não se trata, como quer parecer, da simples extinção da unicidade sindical. A emenda, na verdade, prevê o fim da representação por categoria profissional, pois os sindicatos passarão a representar apenas os seus filiados. Outra meta: admitir mais de um sindicato em base territorial até inferior ao município, o que significa instituir o sindicato por empresa. Pelo jeito, o debate promete.

Fundos de pensão na encruzilhada

Com a promulgação da reforma da Previdência, três pontos da regulamentação da previdência privada estão chamando a atenção. O primeiro prevê uma lei com "regras gerais" para a previdência complementar, devendo incluir a possibilidade de criação de fundos por sindicatos, entidades de classe e por cooperativas. O objetivo do segundo é o de estabelecer regras especiais para os fundos de pensão dos funcionários das estatais,

incluindo FUNCEF e companhia. No caso do terceiro aspecto, a idéia é adotar lei especial para disciplinar os fundos complementares de aposentadoria para os servidores públicos que ganhem acima do teto da Previdência do INSS. No cardápio em discussão, ingredientes como portabilidade, agência nacional de controle, seguro do passivo previdenciário, presença etc.



S *i vis pacem, para bellum*. Ou, traduzindo do latim o secular provérbio, se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Mas Jesus Cristo não concorda. Mahatma Gandhi também, não. John Lennon foi outro que falou de paz e amor, influenciando toda uma geração. E até Che Guevara, entre uma guerrilha e outra, lembrou que não se deve perder a ternura, jamais.

E assim, entre belicistas e pacifistas, veio caminhando até aqui o bicho homem. Às vezes mais bicho do que homem (ou terá sido mais homem do

que bicho? Há controvérsias...) Só que agora, nessa virada de um novo milênio, ao que tudo indica, pintou uma encruzilhada e a humanidade está meio que sem saber por onde seguir: se pela rota da destruição, por onde parece já ter dado bons passos, ou se pela via da construção da paz entre os povos e entre os próprios patrícios.

A idéia de que, desde que o mundo é mundo, sempre existiram guerras, tornou-se, praticamente, uma verdade histórica, tal o seu nível de aceitação em corações e mentes por todo o planeta Terra. O filme "2001, uma odisséia no espaço", de Stanley Kubrick, consagra essa visão já na cena inicial em que um primata, ao bater com um osso em outros, destruindo-os, descobre o que teria sido a primeira arma, despertando em si o instinto bélico deixado como herança para o homem.

Essa enraizada tese da vocação nata do homem para o conflito configura-se no básico que está a desafiar, desde sempre, o pensamento humanitário, voltado para a coexistência pacífica e solidária entre os indivíduos. Para a filósofa alemã

Hanna Arendt, citada pelo coordenador do Núcleo de Estudos da

Paz da Universidade de Brasília José Geraldo de

Souza Júnior, como

referência para

a desmistificação

do

fator

"biológico" da violência, o determinante é aquilo que se gera dentro de um determinado tipo de sociedade. Em outras palavras, homens beligerantes seriam fruto de sociedades competitivas e cidadãos harmoniosos, produto de sociedades Coletivas, onde as disputas não são imperativas ou inexistentes.

Numa visão espiritualista, como a de Roberto C. P. Júnior, mestre em ciências e autor do livro on-line "Vivemos os últimos anos do juízo final", "os conflitos e as guerras foram apenas mais uma consequência do afastamento progressivo do ser humano em relação ao modo correto de viver, preconizado através de leis inflexíveis inseridas na criação".

O fato de os registros históricos mais antigos que se conhece já falarem de lutas e guerras não abala as convicções de quem acredita ter existido um dia, nesta Terra, seres humanos felizes e sábios, convivendo sem se ofenderem ou se maltratarem. Roberto Júnior cita como reforço a esta premissa o livro "Os primeiros seres humanos", de autoria de Roselis von Sass, publicado pela editora Ordem do Graal na Terra, que trata dos períodos de desenvolvimento da humanidade desde os seus primórdios, situando quando, como e porquê a humanidade começou a se afastar das leis da criação, "colhendo por consequência desgraça multiplicada, aí incluídos os inevitáveis conflitos entre os povos". O início da decadência espiritual do ser humano teria se dado há mais de um milhão de anos, enquanto que os registros documentados da história humana remontam a (apenas) 5.500 anos - esse



A crescente indústria da MORTE

■ Evandro Peixoto



período de tempo (55 séculos) seria, portanto, "apenas uma partícula do tempo total da presença do homem na Terra".

Realidade

Instinto básico ou desvirtuamento do sentido humano da vida, o fato é que a violência mancha de sangue as principais páginas da história mundial, sobretudo na chamada era moderna. Toma conta também do cotidiano dos cidadãos, materializando-se em tragédias. E a resposta a essa perspectiva de destruição tem sido, invariavelmente, a mesma: mais violência. Mais e "melhores" armas. Todos - nações e indivíduos - armados até os dentes.

O mundo parece tentado a perpetuar a falsa ética do "equilíbrio do terror", conforme interessa à indústria de armamentos. Falando

sobre o grande negócio das armas, Gilberto Dupas, membro do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho Diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), lembra que o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos calcula em US\$ 811 bilhões os gastos militares mundiais em 1996. Isso depois de um encolhimento de cerca de 40% em relação ao recorde mundial de 1987.

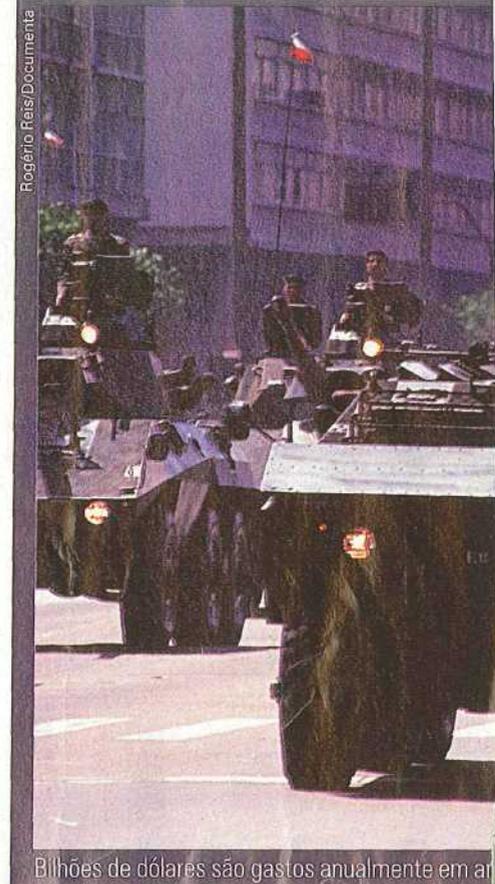
Pelos cálculos do pesquisador, para chegar a um montante equivalente ao total dos gastos militares seria necessário somar todo o faturamento das cinco maiores empresas mundiais de cada um dos seguintes setores: bebidas, alimentos, farmacêutica, papel, madeira, metais, química e computação. Ele cita, para efeito de comparação, o faturamento de US\$ 150 bilhões da indústria mundial de semicondutores e de US\$ 200 bilhões da de medicamentos, no ano de 1995.

As técnicas de expansão do comércio de armas, segundo Dupas, estão cada vez mais influenciadas pela lógica das corporações globais: A seu ver, para além das compras de países, alimentadas por estratégias complexas, as vendas oficiais das grandes empresas - por mais que se tente controlá-las - correm o risco de ser convertidas, num segundo momento, em operações clandestinas que alimentam guerrilheiros e marginais, mundo afora. "Basta ver os armamentos cada vez mais sofisticados nas mãos de indivíduos e grupos de todas as espécies".

O presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, Paulo Fernando

Fortunato, apresenta dados que

ligam o comércio irregular de armas à escada da violência. Em do o estado estão



Bilhões de dólares são gastos anualmente em ar

registrados cerca de 4,5 milhões de portes de armas, sendo que para cada um desses portes concedidos deve haver, no mínimo, uma outra arma circulando clandestinamente. Ainda de acordo com o delegado, cerca de 85% das mortes violentas são provocadas por arma de fogo e os autores, muito raramente, possuem porte legal. A oferta de armas e munições clandestinas alimenta, sobretudo, a onda de assaltos, as chacinas e as ações dos traficantes de drogas, "em que as cobranças costumam ser feitas a bala".

Paulo Fortunato aponta a ausência de uma legislação adequada como a razão principal de se ter entrado em circulação, impunemente, a quantidade de armas clandestinas que se observa hoje no país. "A legislação brasileira, antes da recente lei (nº 9437) do porte de armas, era muito fraca". Havia multas, em valores atuais, de R\$ 0,10. Hoje o porte irregular é considerado crime.

Em pesquisa divulgada pela ONU no ano passado, o Brasil foi apontado como o campeão em mortes causadas por armas de fogo, com o índice de 26,5 mortes por cada 100 mil habitantes, uma taxa 5,5 vezes maior que a média mundial. De acordo com o estudo, o país com menor taxa de mortalidade envolvendo arma de fogo é o





mentos. Enquanto isso, um terço da população mundial passa dificuldades devido à falta de recursos

O século XX produziu 241 guerras, fora as mundiais

Os números revelam o crescimento vertiginoso da violência e da destruição. Pelos levantamentos que estão sendo feitos, enquanto houve no século passado 107 guerras, o século XX produziu, até o ano de 1995, um total de 241, sem contar as duas grandes guerras mundiais.

Só nos últimos 50 anos eclodiram 166 conflitos. Em 1992, havia 29 guerras em curso em todo o mundo. Em 1994 esse número subiu para 34 e em 1997 foram registradas 60 zonas de conflito. Nada menos que 70 países envolveram-se em guerras no período de 1992 a 1997.

Conforme observa o jornalista Newton Carlos, "há hoje um rosário de pequenas guerras mundo afora, sobretudo por questões étnicas e religiosas". A África Central é tida como o vespeiro étnico. Vivem brigando ali mais de 100 etnias. São as chamadas "guerras dos esfarrapados - povos que vivem na mais absoluta penúria, mas que, mesmo assim, ainda compram armas". Para o analista, no entanto, a questão mais dramática do momento é a situação de guerra do Oriente Médio, fruto do sionismo, que vem pregando o lar nacional dos judeus desde o século passado. A reivindicação por uma porção da Palestina tornou-se mais incisiva a partir dos anos 20.

Calcula-se que nas mais de 160 guerras ocorridas no mundo desde o fim da Segunda Guerra Mundial tenham morrido cerca de sete milhões de soldados e 30 milhões de civis. Pelos cálculos apresentados pelo ex-secretário de Estado norte-americano, Zbigniew Brzezinski, todas as "megamortes" ocorridas desde 1914 atingiram um total de 187 milhões de mortos.

Japão: 0,05 por 100 mil habitantes. Além da quantidade de mortes, há outra grande diferença entre os dois países: a legislação. No Japão, o cidadão não pode ter arma de fogo, enquanto no Brasil basta ter 21 anos para poder comprar uma. A lei garante o direito de portar armas até a criminosos condenados que já cumpriram suas penas.

No entanto, para Leonardo Arruda, editor do jornal "Armaria", uma publicação de entidades de colecionadores de armas e praticantes de tiro, sediada no Rio de Janeiro, "essas pesquisas não têm nenhuma relação com a posse legal de armas", já que a maioria desses homicídios teriam ocorrido em confrontos com a polícia ou brigas de quadrilha. Leonardo sustenta que os casos de homicídios cometidos com armas registradas ou por pessoas sem passagem pela polícia são "raríssimos". Segundo ele, "esses números apavorantes só mostram que estamos tendo um sério problema de banditismo. O cidadão comum não mata. A posse de uma arma não transforma ninguém em assassino".

O editor do "Armaria" contra-ataca

também com o argumento de que a "Yakusa (a máfia japonesa) anda muito bem armada e que, com US\$ 500 na mão, é fácil comprar uma pistola chinesa nas ruas de Tóquio. "Certamente não é por falta de armas que não acontecem crimes no Japão. Lá como cá existe um mercado negro de armas que abastece a marginalidade. Aliás, no Brasil, uma arma no mercado negro costuma custar menos da metade do que sua similar no comércio legal, tamanha a abundância. A culpa disso é a política de armas equivocada do governo".

A indústria de
armamentos
domina todo o
planeta

Paiol Da mesma forma que o cidadão - seja no Brasil ou em qualquer outra parte do planeta - continua sem saber se o mais conveniente é portar ou não uma arma e, na dúvida, adquire uma para se precaver, seus países continuam se preparando para solucionar pela arma eventuais conflitos externos. E assim o mundo vai se tornando um paiol sobre o qual não se sabe se há, efetivamente, algum tipo de controle.

Com o fim da chamada Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética,

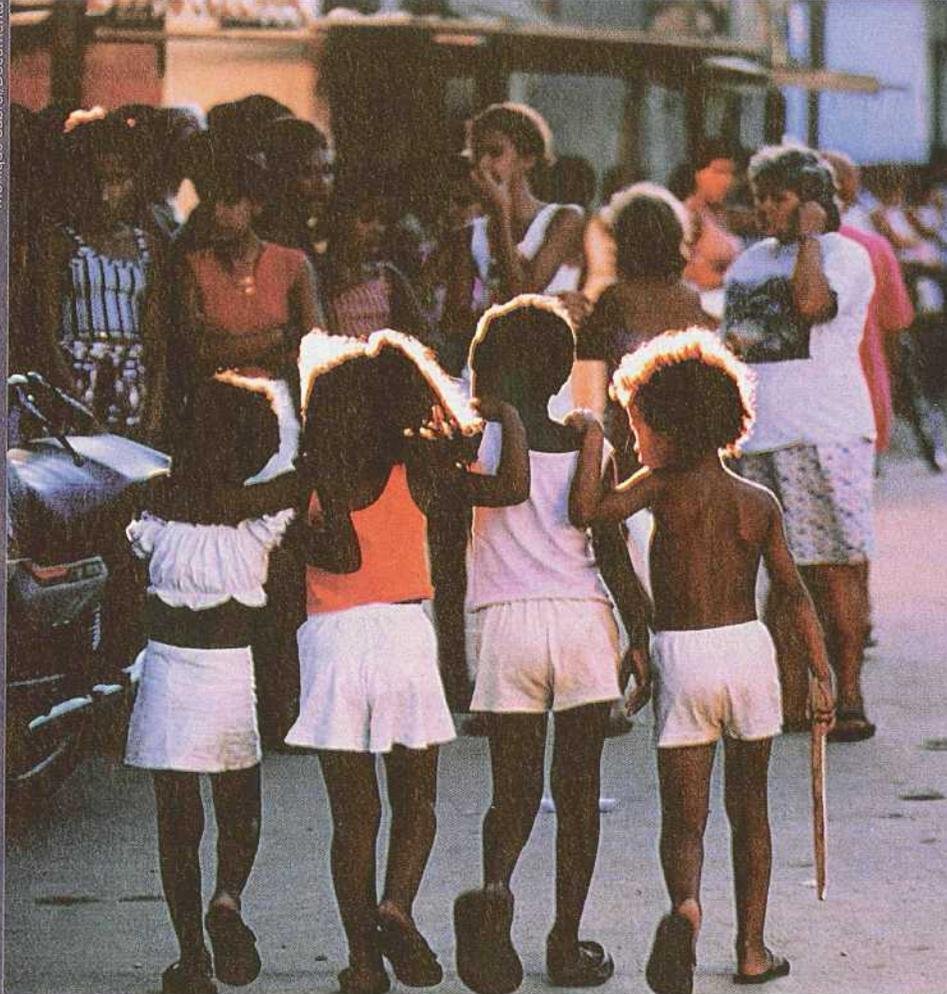
chegou-se a ter, momentaneamente, a sensação de que estaria sendo aberto o caminho para o desarmamento. Mas não é isso o que se depreende dos levantamentos feitos pelos especialistas William Arkin e Robert Norris, responsáveis pela publicação "Nuclear Notebook". Segundo eles, as armas nucleares desmanteladas até agora por Estados Unidos e Rússia, por força dos tratados de redução de armas, foram equipamentos obsoletos e que os dois países continuam com seus programas de desenvolvimento e renovação dos respectivos arsenais nucleares.

Em 1970, quando entrou em vigor o primeiro tratado de não-proliferação nuclear, Estados Unidos e União Soviética tinham juntos 7.455 ogivas nucleares. Em 1975, depois de mais dois tratados de limitação de armas nucleares, de outros dois de redução dessas armas e da desativação de cerca de 7 mil ogivas, os dois países tinham juntos 16.900 ogivas, capazes, segundo estimativas, de acabar com a vida na Terra por 14 vezes.

De acordo com dados de 1997, a Rússia já teria entre 22 e 28 mil ogivas e os Estados Unidos, 15 mil. França, China e Inglaterra possuem bombas, mas se desconhece a quantidade exata. Calcula-se em 500, 300 e 250, respectivamente. Israel teria entre 100 e 200 cargas explosivas e a Índia entre 20 e 30, que teriam sido desenvolvidas por cientistas alemães.

Em junho deste ano, o Paquistão anunciou seu primeiro teste nuclear, feito em retaliação às cinco explosões comandadas pela

Monique Cabral/Documenta



Nas grandes cidades as armas já fazem parte do cotidiano. Até mesmo os traficantes de drogas são

Índia naquele mesmo mês. O Irã não tem armas declaradas, mas há fortes suspeitas de que já possua a técnica ou que a tenha comprado da China e da Rússia. Em relação ao Iraque, sabe-se que o país planeja equipar seus mísseis com cargas atômicas.

Química

Quanto às armas químicas, que, de acordo com o pesquisador Roberto C. E Júnior, fizeram sua estréia na Primeira Guerra Mundial, eliminando cerca de 40 mil soldados, estas continuam a pairar como outra grande ameaça ao mundo, apesar de terem sido proibidas por tratados internacionais. A proibição não impediu, por exemplo, que o Iraque utilizasse, em 1988, um tipo de gás de nervos, o tabun, sobre sua população civil, matando mais de cinco mil pessoas. A substância denominada "agente laranja", lançada pelos americanos no Vietnã, na década de 60, foi também um tipo de arma química.

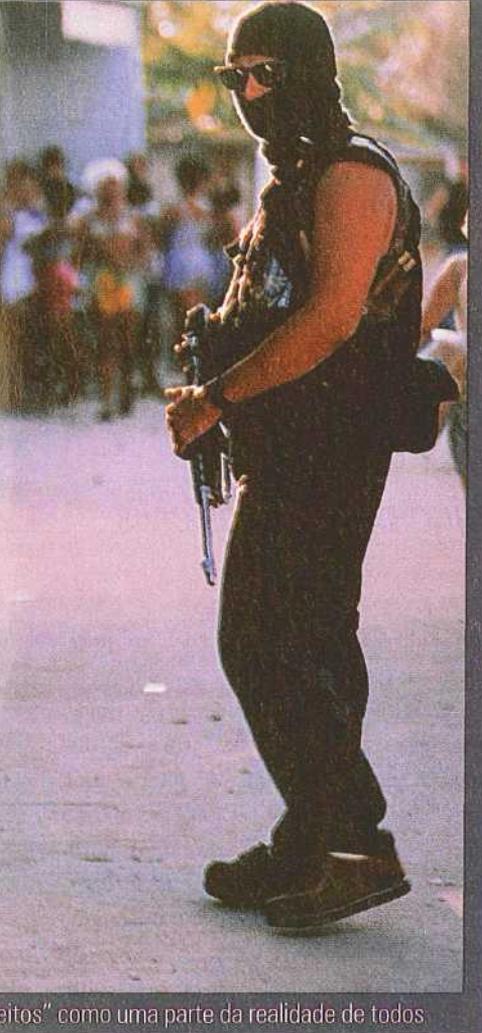
A ex-União Soviética fabricou armas químicas até 1987, depois de ter assinado um tratado de não-proliferação em 1972. Em junho de 1995, a Rússia anunciou que iria destruir 40 mil toneladas de armas químicas, uma meta que poderia ser considerada auspiciosa não fosse o custo de US\$ 8 bilhões para essa destruição e o seu arsenal não estivesse entre 300 e 700 mil toneladas desse tipo de armas.

CIVIS NO TOTAL DE MORTOS EM GUERRAS NO SÉCULO XX

Extraído do documento "Conflitos Bélicos" de Roberto C. P. Júnior

Fonte: UNICEF





eitos" como uma parte da realidade de todos

Ainda mais terríveis que as armas químicas são as chamadas armas biológicas, feitas com vírus e bactérias. Uma das armas biológicas mais mortíferas já produzidas é a elaborada com o bacilo antraz. Ao entrar no pulmão, o antraz gera bactérias que se multiplicam no organismo. Em novembro de 1997, o jornal "Sunday Times" noticiou que os militares iraquianos haviam transformado aviões agrícolas em "zangões" comandados por controle remoto, adaptados para carregar até uma tonelada de antraz.

Em janeiro deste ano, "The Wall Street Journal" informou que pelo menos 25 países já tinham ou estavam desenvolvendo armas químicas ou biológicas.

É em meio a tudo isso que estamos comemorando o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A reflexão que se faz a essa altura da trajetória humana pela Terra é se ainda há ou não a chance de os povos e nações optarem pela vida, abandonando o caminho da destruição.

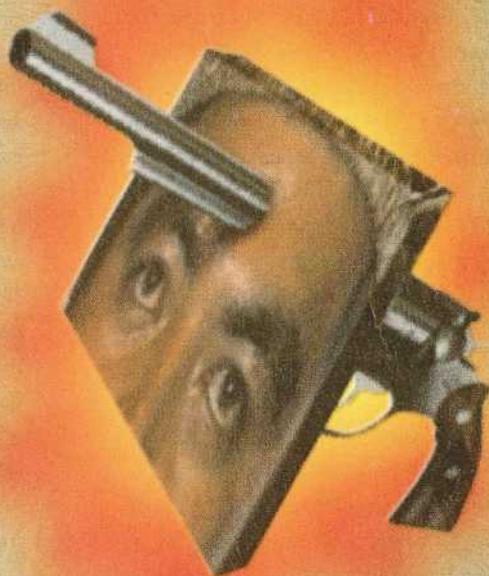
O combate diário é movido pelo ódio

As razões para tanta matança são subjetivas, tornaram-se parte do Cotidiano da sociedade

Conforme observa o historiador inglês Eric Hobsbawm, "a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia-a-dia que não mais notamos".

A perplexidade ante ao aumento da violência no mundo é expressa também pelo autor do livro "Guerra Civil", Hanz Enzensberger, citado no texto "Conflitos bélicos" do pesquisador Roberto C. P. Júnior. Pela análise de Enzensberger, combate-se hoje apenas pelo ódio, sem uma causa definida, e já há muito que a guerra civil penetrou nas grandes cidades. A seu ver, dessa guerra "não participam apenas terroristas e agentes secretos, mafiosos e skinheads, traficantes de drogas e esquadrões da morte, neonazistas e seguranças, mas também cidadãos discretos que à noite se transformam em hooligans, incendiários, dementes violentos e serial killers".

Assim como aumenta o número de conflitos armados no globo, as pessoas também se tornam mais violentas. Uma simples desavença de trânsito pode terminar em morte. E nem sempre as pessoas envolvidas em uma discussão, briga ou assassi-



nato sabem explicar o que as leva a agir de forma violenta. Segundo o escritor Hanz Enzensberger, certos criminosos têm a sensação de não serem eles próprios os participantes de suas ações. "Parece-lhes que não são eles que surram outras pessoas até a morte, como se tudo não passasse de uma cena de televisão".

Para o espiritualista Roberto Júnior, pensamentos e sentimentos intuitivos adquirem formas segundo o que foi pensado e intuído. "As formas de sentimentos intuitivos originados do ódio são chamadas de fúrias e visam unicamente a destruição", diz ele.

**NOSSO SEGURO
DE CARRO COBRE
COLISÃO, INCÊNDIO,
ROUBO E
GORDURINHAS
LOCALIZADAS.**

**SASSE CAIXA
SEGUROS**

**FAÇA O SEGURO DO SEU 4 RODAS
E LEVE + DUAS POR APENAS**

R\$ 49,90



Nada melhor do que ter uma bicicleta 18 marchas novinha para curtir o fim de semana. Para adquirir a sua por um preço mais que especial, você só precisa fazer um seguro de automóvel da SASSE CAIXA. Informe-se com o seu corretor ou em uma agência da CAIXA.



SASSE CAIXA
SEGUROS

CENTRAL SASSE CAIXA DE ATENDIMENTO: 0800-166383

Segurança:
possuir armas
de fogo gera
polêmica

200 milhões de vítimas em 98 anos

Disseminou-se a cultura de que segurança se faz com armas de fogo... E aí está um enorme risco para a vida social. A opinião é do mestre em direito processual pela USP e ex-presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, Bismael B. Morais, em artigo publicado no jornal "O Estado de São Paulo", em outubro de 1997.

Ele entende que o medo vem se transformando num grande filão econômico e possibilitando um aumento da busca por armas e munições. "Numa espécie de roda viva, os grupos e indivíduos, atacados, se armam e, uma vez armados, também atacam. Não é por outro motivo que se fala tanto em um mundo militarizado, com armas das mais variadas espécies pondo em risco a humanidade".

Já o editor do jornal "Armária", Leonardo Arruda, que faz a defesa do "direito de se ter armas", afirma que não há no Brasil pesquisas confiáveis que comprovem a influência do cidadão armado sobre o aumento da criminalidade. Além de citar estudos feitos nos Estados Unidos, como o do professor Gary Kleck, da Universidade da Flórida, que demonstra exatamente o contrário, ou seja, a presença da arma inibindo a ação criminosa, ele aponta exemplos de países, como a Inglaterra e a Austrália, onde a recente redução do número de armas na comunidade teria levado a um aumento da criminalidade.

Segundo Leonardo, as autoridades brasileiras se recusam a discutir se a presença de armas na sociedade traz, efetivamente, mais vantagens ou desvantagens. "A recusa em discutir esse assunto é porque eles sabem que todos os estudos apontam para um balanço francamente favorável ao uso de armas", concluiu.

O bazar de armas mundial prejudica mais aos civis

“O século XX é o século tragicamente contraditório. É o século do progresso e da destruição”. A época atual foi assim sintetizada pelo jornalista Newton Carlos, analista internacional da rede Bandeirantes, em entrevista à FENAE AGORA

Ele observa que ao mesmo tempo que o homem chegou à lua, levou as comunicações ao estágio da Internet e conseguiu a clonagem (de animais, por enquanto), acumulando em apenas um quarto de século mais conhecimento do que em todo o resto da história, foi também capaz de produzir guerras que vitimaram - levando à morte ou submetendo a algum outro tipo de violência - cerca de 200 milhões de pessoas. Foi o século que inaugurou as guerras mundiais.

Se a população civil praticamente não foi afetada pela Primeira Guerra Mundial - o embate se deu "quase que homem a homem e 90% dos mortos foram soldados" -, na segunda, que teve um saldo de cerca de 50 milhões de mortos, os civis já foram 50% das vítimas. Nas guerras subsequentes, como a do Vietnã, subiram para 90%. "É a guerra se

tornando cada vez mais um ato de aniquilamento das populações".

Surgiram então as armas de destruição em massa, chamadas de "armas de dissuasão", em tese, criadas não para se usar, mas para evitar a utilização desse mesmo tipo de armas por parte de eventuais inimigos.

"O mundo se tornou hoje um bazar de armas que passaram a integrar o jogo do mercado com a liberalização das economias", observa Newton Carlos. E não há sequer controle sobre o estoque de armas nucleares, que pode, inclusive, ser contrabandeadas. Com isso há o risco de que armas de grande poder de destruição sejam transferidas para organizações terroristas ou para países "pouco habituados à disciplina internacional".

Para o analista, está mais do que provado que os acordos de não-proliferação não funcionam. Ele lembra que os EUA admitem que continuam aperfeiçoando armas atômicas. "O desarmamento só será conseguido se as potências também se desarmarem, se todo mundo se desarmar", enfatiza. FA





Caixa chega ao segundo lugar

O FENAE Notícias de dezembro de 1980 faz um balanço da década de 70 para a Caixa Econômica Federal e para a FENAE. Já naquela época, na primeira década de existência da empresa após a unificação, a Caixa investia principalmente "no desenvolvimento social do país".

A matéria ainda fala sobre as ações da Caixa, como a captação da caderneta de poupança, loterias, financiamento da casa própria, melhor crédito estudantil e financiamento de obras e infra-estrutura. "Sendo hoje a segunda instituição financeira do país, a Caixa vem dando seu recado de

1981—Os Dez anos da FENAE

Dez anos de FENAE podem exprimir pouco, na escala cronológica, mas são bem expressivos e podem, até mesmo, fazer história, se os apreciarmos à luz do que, nesse decênio, tem de feito pela economia, em iniciativas pioneiras e lutas permanentes.

Instituída para aglutinar forças até então dispersas, que pulverizavam a faculdade de reivindicar, até mesmo quando as postulações se revestiam do caráter mais justo, a FENAE teve principalmente o mérito de unir essas forças e dar-lhes um sentido de unidade, que as tornou mais aptas e investidas de maior autoridade para executar a grande tarefa que se impunham.

Paralelamente a essa força de coesão, sobreviu, como consequência, maior aprimoramento nas relações dos economistas, que representam uma família bem organizada, ao contrário de quando as ações isoladas se perdiam em meio à indiferença de alguns e à apatia de outros.

Pelo menos esse mérito a FENAE poderá arrogar-se, no correr desses dez anos, em que sua atuação foi prestigiada até mesmo por autoridades dos mais altos Conselhos da República, pois as causas defendidas sempre foram causas justas e alcançadas ao bem direito, tornando-a por isso mesmo respeitada nos círculos políticos e da administração pública.

Existem, com certeza, aqueles a quem incomoda a ação da FENAE, mas o legítimo economista não poderá acobardar-se de prejudicial ou omissa na defesa dos interesses da classe.

Por outro lado, suas postulações

jamais colidiram com os interesses da benemérita empresa a que todos servimos, a Caixa Econômica Federal. Se discussões sobrevieram, em face de naturais divergências que decorrem do processo democrático, essas não serão de molde a situar ambas as entidades — CEF e FENAE — em campos antagônicos, pois ambas têm o mesmo e comum desiderato de tornar o órgão dos economistas mais prestado, mais admirado e mais respeitado perante a opinião pública.

Como os organismos sadios que se desenvolvem, a FENAE não é insuscetível de enfrentar sua crise de crescimento, etapa que naturalmente será ultrapassada, segundo a ordem natural das coisas, incompreensões ela as poderá sofrer também.

Mas os homens justos e sensatos, que sabem respeitar o passado e que fazem da meditação diária um hábito em que se pesam e ponderam as eventualidades do futuro, esses deverão de compreender, no recolhimento de sua vida e longe do burburinho prosaico dos dias, que a FENAE veio para ficar e que suas raízes são vigorosas e profundas, desenvolvendo-se em solo fértil, a salvo das tempestades que passam.

Esses dez anos, portanto, são um marco e uma bandeira, que a FENAE jubilosamente comemora e cultua. De mãos estendidas, em reverência ao bom exemplo que nos dá o Chefe da Nação, ela anela que os dias do futuro sejam de compreensão e de tolerância, de serenidade e de justiça, pois não existe grandeza onde as consciências estão adormecidas, nem felicidade quando impera o descontentamento entre irmãos.

A edição traz um balanço da CEF e da FENAE nos anos 70

maneira altamente satisfatória", fala o FENAE Notícias.

Também é reproduzido o processo que resultou na criação da FENAE, em 29 de maio de 1971. A Federação nasceu durante o VI Congresso Nacional das Associações do Pessoal da Caixa. "Respeitou-se a autonomia das associações regionais, mas atribuiu-se à nova instituição a faculdade de englobá-las, como força representativa e instância final nas reivindicações da classe", completa a matéria.

A edição do jornal traz outras matérias especiais sobre os principais acontecimentos que envolveram a FENAE na década de 70.

NOSSOS PERSONAGENS

Dez anos da morte do seringueiro Chico Mendes

Francisco Alves Mendes Filho. Simplesmente, Chico Mendes, líder seringueiro e sindicalista acreano. O Brasil e o mundo lembram em 22 de dezembro deste ano os 10 anos de sua morte.

Chico Mendes abraçou a luta sindical e ecológica ainda nos anos 60 e fez dela sua razão de viver, entregando-se por completo às causas dos "povos da floresta" - trabalhadores rurais, seringueiros, índios e populações ribeirinhas da Amazônia. Na década de 70, inaugurou a estratégia não-violenta de impedir desmatamentos na Amazônia, os chamados "empates", que consistem em ocupação pelos seringueiros e trabalhadores rurais de áreas em que os madeireiros queiram realizar der-

rubadas, para que as motosserras não entrem em ação.

Em 1977, Chico Mendes ajudou a fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, entidade que presidiu de 1982 até sua morte. Foi dirigente nacional da CUT e estimulou a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, em 1985. Mundialmente conhecido por sua incansável atuação, sempre denunciando a destruição da floresta amazônica, recebeu em 1987 o Prêmio Global 500, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep). Sempre ameaçado de



morte por pessoas descontentes com suas atividades sindicais e ambientalistas, acabou sendo assassinado em sua casa, em 22 de dezembro de 1988, com um tiro disparado por Darci Alves Pereira, filho do fazendeiro Darli Alves, o mandante do crime.

O Conselho Nacional dos Seringueiros e entidades de todo o mundo fizeram de 1998 o Ano Chico Mendes, com inúmeros eventos lembrando os 10 anos de sua morte. No dia 21 de dezembro acontece em Xapuri um ato-show que deverá coroar a programação de todo o ano.

A noite feliz perdeu o charme

O Natal hoje é mais um rito pagão que uma festa religiosa

Noite feliz, noite feliz. De 24 para 25 de dezembro, famílias se reúnem em torno da árvore de Natal, distribuem presentes e devoram a ceia. A celebração cristã acabou sendo também a festa de maiores lucros para o comércio e, por conta disso, perdeu boa parte de seu significado original.

"O mundo da mídia mudou o Natal", constata o padre Manoel Godoy, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ele acrescenta que "muita gente vê o Natal apenas como uma data para comer, beber e dar presentes". Ou, em outras palavras, "comemorar o Natal sem lembrar que é o dia do nascimento de Jesus é como preparar um aniversário e não chamar o aniversariante".

O comércio não está preocupado com quem nasceu na madrugada famosa, mas sim em aumentar seus lucros. Porém, o Natal deste ano vai ser de vacas magras. As federações do comércio varejista de grandes estados torcem para que as vendas atinjam os mesmos níveis do ano passado.

Por causa do Natal, dezembro é um mês em que as vendas costumam subir em média 10%. Para 1998, a perspectiva desagradável dos comerciantes é de um "Natal de lembrancinhas".

Presentinhos que estão entre os principais símbolos do atual Natal, cuja tradição foi sendo desfigurada ao longo do tempo. Com a mudança, o personagem mais característico da data passou a ser o Papai Noel, velhinho simpático que, faça frio ou calor, anda sempre com pesadas roupas vermelhas e guia seu trenó pelo mundo para distribuir presentes às crianças comportadas. O Brasil é apenas um dos países onde não cai neve que adotou a figura do bom velhinho.

A aparência atual do Papai Noel surgiu em 1822. Ele foi descrito como um condutor de renas de barba branca, bochechas rosadas, botas pretas, calça, casaco e gorro vermelho pelo es-



critor Clement Clark Moore no poema "A noite antes do Natal".

Nicolau Hoje, sabe-se que o condutor de renas é São Nicolau, que viveu na Ásia por volta do ano 300. Nicolau foi bispo católico em Myra, e sua identificação com o Natal começou quando ele resolveu sair pelas cidades distribuindo presentes aos pobres.

Mas até sua localização geográfica foi alterada no Natal moderno. Dizem que ele mora numa cidade da Noruega chamada Dröbak. Lá, fica sua oficina, local onde seus ajudantes passam o ano empacotando presentes.

Ele tem os nomes mais estranhos nas diferentes línguas. É Papa Noel ou El Niño Jesus para países de língua espanhola, Pere Noel para os franceses, Santa Claus na América do Norte, Jultomten na Suécia, Kerstman na Holanda, Baboushka na Rússia, Jizo no Japão e Babbo Natal

ou Befana na Itália. Até as renas de Papai Noel ganharam nomes: Dasher, Dancer, Prancer, Vixen, Comet, Cupid, Donder e Blitzen, em inglês.

Alguns dizem que foi São Nicolau quem iniciou a prática de distribuir presentes na noite de 24 de dezembro. Outros remetem a tradição aos três reis magos - Melchior, Gaspar e Baltasar -, que presentearam Jesus com ouro, incenso e mirra ainda na manjedoura em que ele nasceu.

O fato é que Natal sem presente não cabe mais no imaginário popular. A própria Igreja Católica entende que essa tradição não desvirtua a data. Segundo o padre Godoy, "trocar presentes reforça a solidariedade".

Nem mesmo o Papai Noel ser maior que Jesus Cristo no Natal atual abala o prelado: "Ele é Santa Claus, São Nicolau, reforça o sentido de comunhão entre as pessoas".

A figura do velhinho já está tão difundida que já virou tema de dezenas de sites na Internet. A página www.santaclaus.com, por exemplo, traz a contagem regressiva para o Natal, livros sobre a data, e-mail do Papai Noel, cartões,

links, piadas e histórias. O site é inglês. Em português, existe www.papainoel.com.br.

Símbolos Papai Noel e seus presentes convivem com outros símbolos característicos da data. O mais antigo, e também o que se refere mais diretamente ao nascimento de Jesus, é o presépio. A montagem reproduz, nos mais variados tamanhos, o cenário do nascimento: a manjedoura, boizinhos, vaquinhas, burrinhos, os pastores, os três reis magos, Maria e José. Além, é claro,

do menino recém-nascido.

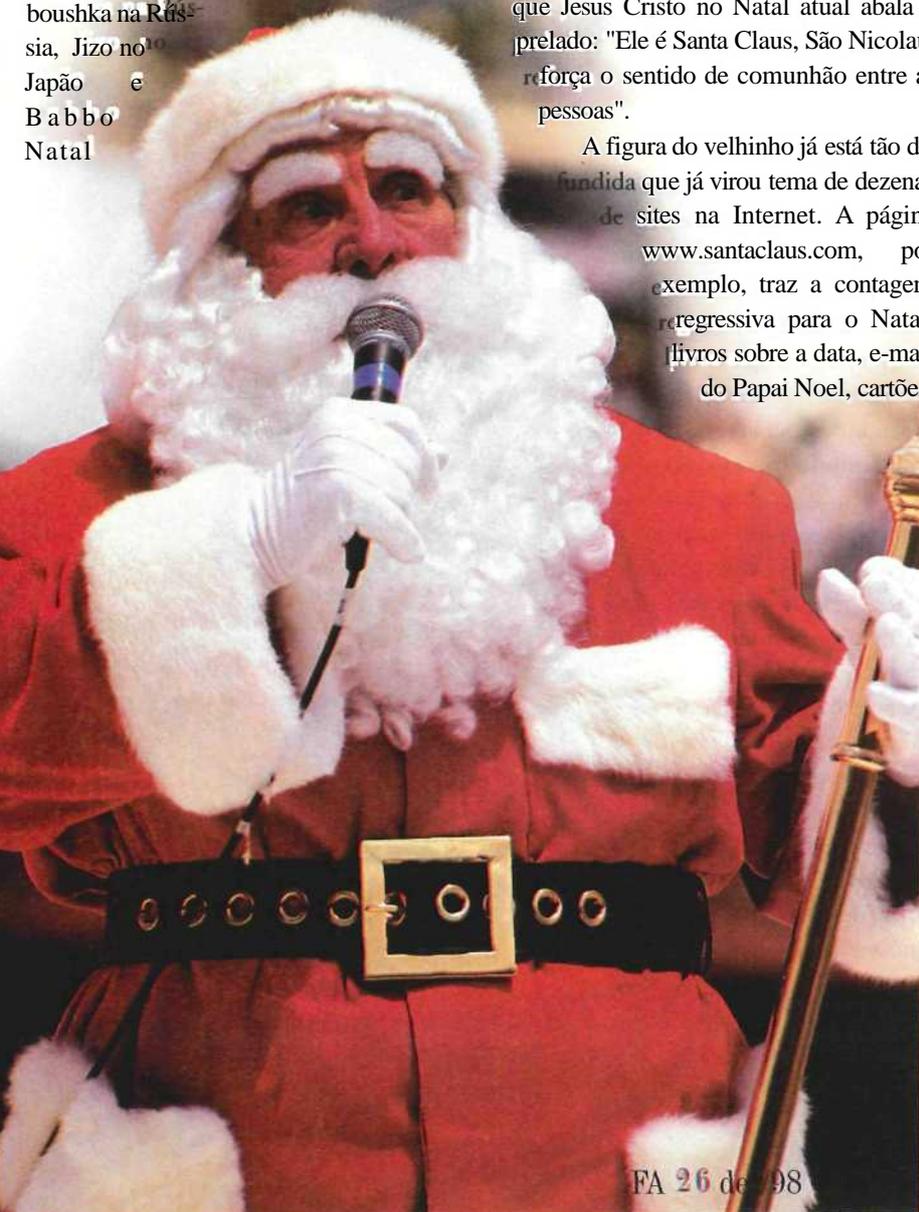
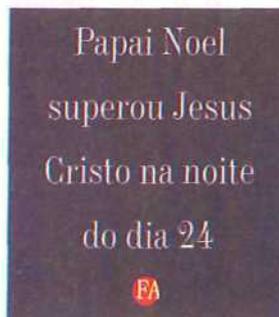
Remota também é a árvore, cujas primeiras referências são do século XVI. Na Alemanha medieval, famílias decoravam árvores com papel colorido, frutas e doces. Em pouco tempo a tradição se espalhou pela Europa e chegou aos Estados Unidos.

A árvore, porém, é um símbolo de vida anterior ao próprio Natal e não é exclusiva de nenhuma religião. Os egípcios do tempo dos faraós já enfeitavam suas casas com galhos verdes de palmeira no dia mais curto do ano, sempre em dezembro, para comemorar o triunfo da vida sobre a morte. Druidas da Europa primitiva decoravam velhos carvalhos com maçãs douradas - por coincidência, pela passagem da mesma data lembrada pelos egípcios.

Outro símbolo característico é o cartão do Natal, do qual se tem a data certa de nascimento. Foi em 1843, na Inglaterra. Logo depois, surgiu o comércio dessa tradição: em 1849, o artista inglês William Egly começou a vender os cartões que fazia.

No mundo Mas praticamente nenhum país do mundo escapa de igualar o Natal à época de presentes. Nas médias e grandes cidades do hemisfério norte, os bonecos de neve, velas vermelhas, guirlandas e lâmpadas coloridas não estão completos sem a corrida aos shoppings, semanas antes da noite de Natal.

Em muitos locais dos Estados Unidos





Os símbolos natalinos não têm nada a ver com a realidade da maioria dos brasileiros

ainda se preserva a tradição de cantar músicas natalinas com os vizinhos. Outro costume mantido é a meia na lareira para que Santa Claus possa depositar presentes. Os norte-americanos também não dispensam o peru recheado na noite de véspera, bem como o almoço com frutas no dia 25.

Os europeus seguem praticamente o mesmo roteiro, mas há detalhes característicos de cada povo. Na Suécia, por exemplo, é costume que a filha mais velha vista-se de branco e coloque uma grinalda verde na cabeça para servir café e bolinhos aos demais membros da família. O Natal é tão importante que, no final do século XIX, o rei sueco declarou que as comemorações deveriam durar um mês, a par-

tir do dia 13 de dezembro.

Mesmo a Ásia, minoritariamente cristã, celebra a data. Muitas casas são iluminadas com lanternas e flores de papel. Lá, o Papai Noel recebe o nome de Dun Che Lao Ren. As comemorações coincidem com o ano novo chinês, no final de janeiro.

Os japoneses incorporaram a idéia natalina da troca de presentes, mesmo não sendo cristãos. O costume surgiu quando os primeiros missionários cristãos desembarcaram no Japão, há vários séculos, levando junto o tal espírito natalino.

A revista FENAE AGORA aproveita a proximidade da data para desejar a seus leitores boas festas e feliz ano novo

Nascimento é comemorado por outras religiões

Mesmo em religiões não-cristãs por excelência, o nascimento de Jesus é comemorado até com reverência. O presidente da Federação Brasileira de Umbanda e Candomblé, José Paiva de Oliveira (pai Paiva), conta que "Cristo é o senhor para a umbanda assim como para o catolicismo".

A cultura afro-brasileira, no entanto, acaba por comemorar outras datas no fim de ano. O dia 31 de dezembro é sagrado em estados como o Rio de Janeiro e Distrito Federal. Em estados do Norte e Nordeste, oito de dezembro. Na Bahia e Rio Grande do Sul, dois de fevereiro. Todas essas datas, dedicadas a Iemanjá, são símbolos de felicidade e paz, além de significarem passagem, representada pela virada do ano.

Os budistas consideram que Jesus seja um iluminado (Buda), assim como o primeiro ser a receber essa denominação, Sidharta Gauthama. O monge Shaku Shojo Sato informa, no entanto, que as principais datas para sua religião são as relacionadas a Buda, que viveu na Índia 500 anos antes de Cristo: nascimento em oito de abril, falecimento em 15 de fevereiro e iluminação em oito de dezembro.

No entanto, a visão universalista do budismo manda que seus adeptos respeitem as tradições locais. "Não há porque os budistas fiquem separados de uma comemoração mundial", lembra Sato.

Já a imensa diversidade religiosa da Índia traz peculiaridades ao Natal local. Os cristãos, por exemplo, decoram mangueiras e bananeiras. Entre os demais, há o costume de acender-se lâmpadas com óleo. Tudo para lembrar uma data cuja origem tem-se perdido em meio a desvios consumistas.

Mestres sons

Papa da música caipira, Zé C

Viola ou rabeca, talento, genialidade. Três ingredientes que fazem de Zé Côco do Riachão, falecido em setembro deste

ano, o mestre da música caipira brasileira. Nascido José dos Reis Barbosa dos Santos em 1912, no município mineiro de Brasília de Minas, Vale do São Francisco, Zé Côco do Riachão foi um autêntico fenômeno da cultura popular e referência de uma identidade que soube conviver em pé de igualdade, sem maiores atropelos, com um Brasil urbano e moderno.

Vida e obra se misturam na trajetória de Zé Côco do Riachão. Ele foi, na opinião de Aparício Ribeiro (presidente do Clube de Violeiro Caipira de Brasília), a síntese da viola caipira e deu ao Brasil, como herança, "a melhor música caipira de todos os tempos. Isso em termos mundiais".

A paixão do violeiro por sons de raiz vem de berço. Aprendeu ainda criança com o pai, fazedor e tocador de viola, a dedilhar seus primeiros acordes. Daí não



re dos caipiras

ôco do Riachão foi um fenômeno cultural do Brasil

parou mais. Autodidata, Zé Côco do Riachão desafiou o tempo e as tendências musicais. Tocava viola, sanfona, rabeca, cavaquinho, pandeiro e caixa de folia e fez lundus, corta-jacas, calangos, dobrados, mazurcas, guaianos, maxixes e toadas. Não bastasse tudo isso, dominava ainda uma técnica musical rara, que lhe permitia ao mesmo tempo fazer solo e acompanhamentos.

Parceria Para Volmi Batista da Silva, pesquisador da cultura regional brasileira, a obra de Zé Côco do Riachão traduzia em sons a diversidade cultural do interior do Brasil, numa parceria singular entre artista e público. Trocando em miúdos: "A região de Zé Côco do Riachão, Montes Claros - norte de Minas Gerais -, com nítidas influências dos quilombos, é uma das mais ricas do folclore brasileiro. Ali se encontram manifestações autênticas da cultura interiorana, como as festas de Folia de Reis, que ocorrem todo mês de janeiro pelo país. Isso serviu de base para a identidade

cultural que influenciou não só Zé do Côco do Riachão, mas também representantes da música regional como Téo Azevedo, Tavinho Moura e Saulo Laranjeira", explica Volmi Silva.

Além de tocador, Zé Côco do Riachão foi também luthier (artesão de instrumentos musicais). Trabalhou como ferreiro, marceneiro, sapateiro, fazedor de carro-de-boi, cancelas, engenho e roda de ralar mandioca.

O reconhecimento público de sua genialidade musical, tardio, só veio quando tinha 68 anos de idade. Descoberto pelo repentista Téo Azevedo, Zé Côco do Riachão gravou dois vinis: "Brasil puro" (1980) e "Zé Côco do Riachão" (1981) e o CD "Vôo das garças" (1987). Morreu pobre aos 86 anos, embora tenha sido apelidado pela TV alemã, na década de 80, do "Beethoven do sertão". Para quem o conheceu, como Volmi Silva, Zé Côco do Riachão foi a essência de uma música brasileira espontânea, legítima e desprovida de condicionamentos e modismos.

Um gênero musical puro, sem influência "made in USA"

Expressar o que vai na alma, refletindo o Cotidiano de vida da população que habita o interior do Brasil, é o principal objetivo da música caipira de raiz. O pesquisador Volmi Batista da Silva explica que o som caipira se originou no centro-sul do país, enquanto a música considerada sertaneja provém dos grotões nordestinos, vinculada à realidade do sertão.

Volmi Silva garante que a diferença de uma em relação a outra, em termos musicais, numa época sob o domínio quase absoluto da indústria cultural, é que a música sertaneja (estilo Zezé de Camargo e Luciano) é orquestrada e passou a sofrer, a partir da década de 70, influências norte-americanas e inglesas. 'Ao contrário disso e como um gênero de raiz, a música caipira é feita pelo e para o homem do campo e pode ser tocada com viola, violão, acordeon, rabeca, sanfona e percussão", afirma o pesquisador.

Regionalmente, o sertanejo representa o Nordeste e o caipira é comum em estados como Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. O representante máximo da música pura da roça chama-se Zé Côco do Riachão, que ensinou muita gente a tocar violão. Além dele, o gênero caipira brasileiro possui outros monstros sagrados. Nomes como Inezita Barroso, Helena Meirelles, Renato Andrade, Zé Mulato, Dércio Marques e Pereira da Viola fazem parte de uma tendência musical que tem um jeito peculiar de cantar e ver o mundo. Uma galeria de artesãos de sons com a capacidade ímpar de constituir, com suas músicas e instrumentos, a nova figura do artista grudado no dia-a-dia de sua gente.

Natal também dá (bom) samba

■ Tárík de Souza

Nas vésperas deste Natal de Fínados na economia, como sempre (até pelo hábito adquirido) as gravadoras despejam **montanhas** de candidatos a campeões em vendas. E o samba, até pela proximidade do carnaval, é um dos maiores fornecedores do suplemento natalino. Na pilha de lançamentos do ramo três títulos merecem atenção especial. Com a perda precoce da primeira dama do setor, Jovelina Pérola Negra - aos 54 anos, no começo de novembro - cresce a responsabilidade do sambista que carrega o gênero no sobrenome artístico, Zeca Pagodinho. E seu novo disco - que leva apenas seu nome no título - é um dos melhores já gravados por ele. Produzido pelo ás Ri/do Hora, que sabe equilibrar como ninguém cordas (quase sinfônicas) e a percussão matizada do teleco-teco, o disco ainda promove uma ancestral do samba, a "**curimba**" (ou "corima"), que só bambas precursores como Clementina de Jesus, João da Bahiana e raros outros praticavam e registraram em disco. Também do passado atemporal é a dupla de sambas "A tristeza me persegue" (Heitor dos Prazeres/ João da Gente) e "Alegría tu terás" (Antônio Caetano) de beleza melódica intensa, compostos por baluartes da Portela, cuja Velha Guarda avaliza a faixa com sua participação. Integrantes ilustres da agremiação portelense, Monarco e Casquinha mandam com parceiros sambas curiosos ("Vai viajar" e "Coroa avançada") que subvertem os modelos tradicionais da mulher farrista e da sogra estorvo nas letras de samba.

E para contrabalançar o lirismo de dona Yvonne Lara e Délcio Carvalho ("Pra afastar a solidão"), ou Almir Guineto e Luverci Ernesto ("Papel principal"), Zeca Pagodinho

dispara as farpas de "Sonho infantil", da dupla Efsen e Obdar ("eu não nasci pivete do asfalto I nem por convicção bato carteira/ apenas me defendo do assalto/ desse sistema/ que me deu tanta rasteira") e a picardia de "Sem essa de malandro agulha", samba de **Jayme** Vignoli com a poética inconfundível de A/dir Blanc ("ando atrás desse tal de meu espaço/ vou abrir nessa praia um sol pra mim/ tem pedaço que é meu no teu pudim"). Também Beth Carvalho em "Pérolas do pagode" dá uma revitalizada na área ocupada por predadores de ternos Armani e óculos escuros que fingem ser sambistas. Na antologia da cantora não entra boi com abóbora - a denominação que os bambas antigos davam aos sambas medíocres. A cantora abre o colar com três sucessos de seu repertório embutidos num "pot-pourri" ("Olho por olho", "Senhora rezadeira" e "O Isaura") e segue com outras jóias valiosas como "não é assim" (Paulinho da Viola), "O show tem que continuar" (Luís Carlos da Vila/ Sobrinha/ Arlindo Cruz), "Seu Bernardo sapateiro" (Monarco/ Ratinho). Se no disco de Zeca, Beth participa de 'Ainda é tempo pra ser feliz', o cantor retribui a visita na Seleção de pagodes do disco da madrinha. A dupla sincopa com elegância os partidos "Segure tudo" (Martinho da Vila), 'A flor e o samba' (Candeia) e "No pagode do Vavá" (Paulinho da Viola). Evocando dois blocos fundadores do pagode, Beth recanto ainda os clássicos "Oba" (Oswaldo Nunes), do Bafo da Onça e "Água na boca" (Mendes) do Cacique de Ramos.

Mesmo formada por jovens da classe média da zona sul carioca, vestindo roupas da Richard's (com direito a menção no encarte) e utilizando um nome novelesco pouco ins-

pirado, a Família Roitman sabe fazer o samba nas regras da arte como intitulou seu disco anterior. O grupo começou numa brincadeira de alunos do Ceat (Centro Educacional Anísio Teixeira), todos hoje ainda abaixo dos 30 anos, e acabou em samba - e do bom, como demonstram em "Coisa da antiga". A começar pelas artes gráficas do CD inspirada nos tipos de rua antigos fotografados pelo genial Marc Ferrez, o disco prima pelo requinte, especialmente instrumental. Além de repescar um inédito de Noel Rosa e Orestes Barbosa ("Habeas Corpus") e um clássico das antigas, "Vivo isolado do mundo" (e não "Eu vivia" como saiu grafado), de Alcides Malandro Histórico, eles singram os estilistas Mauro Duarte e Walter Alfaiate ("Falsa euforia"), Paulinho da Viola ("Coração da gente"), Elton Medeiros e Délcio Carvalho ("Hora do adeus"), que também é parceiro de Carlos Cachaça na filosófica "Caminho da existência". Na mescla do repertório há ainda Chico Buarque, Paulo César Pinheiro e Maurício Carrilho e Aldir Blanc/ Cláudio Cartier convivendo com um samba enredo dissonante do vanguardista paulista Arrigo Barnabé. Segundo o grupo, o título "Coisa da antiga" não remete a qualquer saudosismo. "Combinamos antigos e novos para mostrar que o melhor samba não morreu nos anos 40. A grande tradição não foi abandonada pelos sambistas rnaís recentes". Uma lição simples para quem - como dizem os economistas da catástrofe - quiser fazer bem o dever de casa.

Tárík de Souza,
jornalista 

Adrenalina em duas rodas

No Brasil 10 mil pessoas praticam o ciclismo, que cresce em todo o mundo

Mesmo quem não sabe andar de bicicleta conhece o fascínio que esse equipamento de duas rodas provoca. Mais ainda quem tomou muitas quedas, ralou muito joelho e sotreu muitos cortes até aprender.

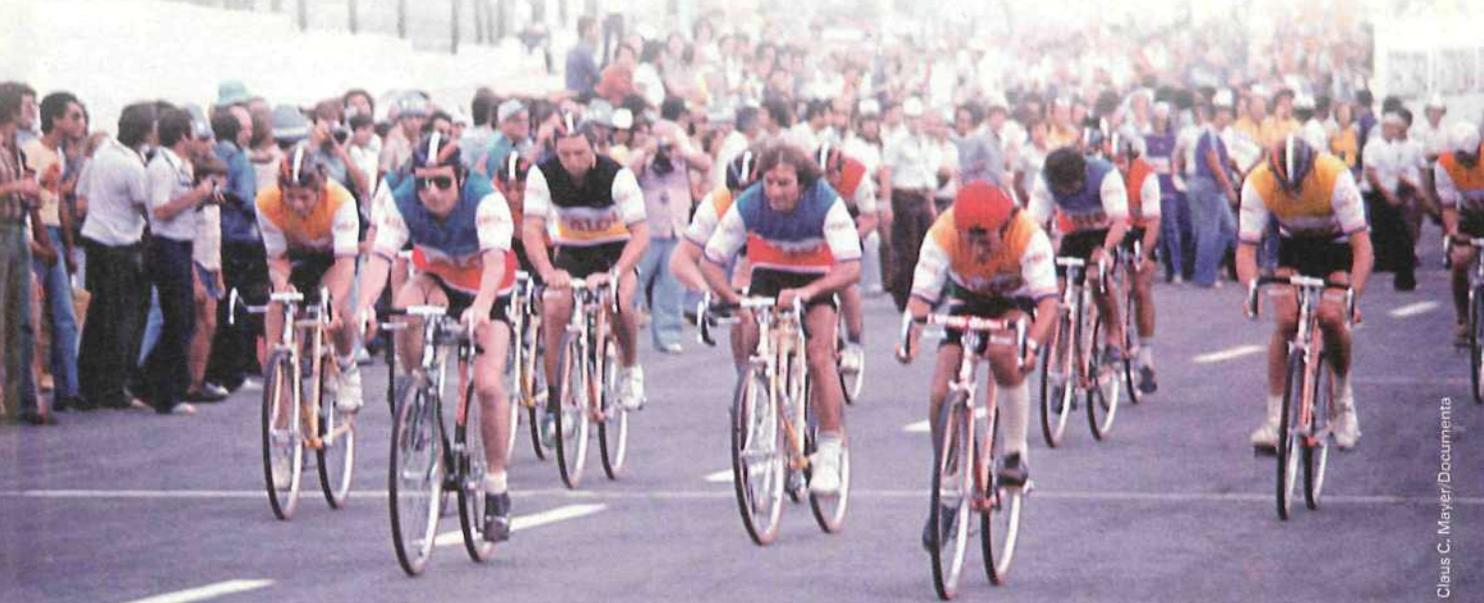
Em ruas, parques, ciclovias, a população consome nada menos que 5,5 milhões

de novas bicicletas (bikes, para os íntimos) todo ano, segundo dados da Abraciclo, associação nacional que reúne os fabricantes. Aí se incluem os pedaleiros de final de semana, as pessoas que usam a bicicleta como meio de transporte e os que disputam competições esportivas.

Por que esse veículo até certo ponto rudimentar atrai tanto as pessoas? Cálculos

demonstram que a bicicleta é a máquina que melhor usa a força humana. Quando pedalamos, apenas 1% da energia que transmitimos à roda traseira é desperdiçada. Fisiculturistas afirmam que andar de bicicleta é um dos exercícios que melhor oxigenam o cérebro.

Com mais de 200 anos de história, a bicicleta já desdobrou-se em várias mo-



Um esporte que cresce cada vez mais em todo o país

O veículo nacional da China presta-se a várias aptidões. Se milhões de chineses usam a bicicleta principalmente para trabalhar, no Brasil, ela é o instrumento ideal para o lazer do final de semana e também alavanca quatro modalidades de esportes.

O ciclismo é amplamente difundido na Europa, mas vem ganhando adeptos no Brasil. O atual campeão nacional é o paranaense Luciano Pagliarini. Ele ganhou também a prova Nove de Julho, em São Paulo, uma das principais provas ciclísticas nacionais. Mas o presidente da Confederação Brasileira de Ciclismo, José George Breze, destaca que o nível dos atletas nacionais é muito alto e que os melhores estão bem equilibrados.

O Paraná divide com São Paulo a origem de boa parte dos grandes ciclistas brasileiros, tendo ganho a sede da equipe Caloi, uma das principais do país. Mas outros estados vêm tendo ascensão no esporte.

Ao mesmo tempo em que o esporte cresce, a prática descompromissada do ciclismo ganha cada vez mais força. É o que afirma o estudante Ricardo Olímpio, verdadeiro ciclista de final de semana.

Morador de Brasília, é comum ver Olímpio pedalando no Eixo Rodoviário, uma das principais ruas da cidade, fechada para carros no domingo. Ou então no Parque da Cidade.

'Acho que gosto muito de pedalar porque nunca tive muitas bicicletas quando era criança', revela o estudante, saudosista. A bike atual já tem quase um ano e meio, e é usada também para levá-lo até a universidade, quase todos os dias. 'Apesar dos perigos do trânsito de Brasília', conta ele.

dalidades. Além dos atletas de final de semana, há o ciclismo propriamente dito, mountain bike, trial e bicicross.

O paulista José George Breze, presidente da Confederação Brasileira de Ciclismo (que reúne também os adeptos do mountain bike), informa que em sua entidade há 3.600 atletas licenciados. "Não é nada exagerado afirmar que há mais de 10 mil praticantes de ciclismo e mountain bike no Brasil, com nível técnico de médio a superior", acrescenta ele. Os atletas nacionais estão entre os melhores da América, tendo obtido bons resultados nos torneios pan-americanos.

A maior prova de ciclismo do mundo é a Volta da França, dominada pelos europeus, mestres na modalidade. O espanhol Miguel Indurain, verdadeira lenda do ciclismo, venceu o torneio por cinco anos seguidos. Este ano, quem ganhou foi o italiano Marco Pantani, que teve média de 40 quilômetros por hora nos 3,7 mil quilômetros do circuito.

Emoção

A juventude, ávida por esportes radicais, tem procurado emoção no bicicross e no mountain bike. Esta modalidade foi criada nos Estados Unidos, na década de 60, por jovens que descobriram os prazeres de descer em desabalada carreira pelas serras e encostas.

Já o bicicross, no Brasil, tem peito de cinco mil praticantes, segundo a gaúcha Mariglúcia Silveira, secretária da Confederação Brasileira de Bicicross (CBBx) e também da entidade pan-americana da modalidade. "Um dos seus atrativos é ser um esporte amador, de caráter familiar", acredita Mariglúcia.

O país, que sediou o mundial de bicicross em 1992, já teve vários atletas campeões mundiais e, no campeonato deste ano, teve oito competidores nas finais das 32 categorias existentes. Nos Estados Unidos, são mais de 20 mil praticantes.

Agora, as federações de bicicross do mundo lutam pela inclusão do esporte nos jogos olímpicos. A modalidade vive uma situação estranha: tem reconhecimento

olímpico mas até agora não foi incluída nas competições que acontecem a cada quatro anos.

Da Vinci

Muitos que pedalam no ritmo de sua preguiça não sabem, mas uma simples bicicleta já atingiu 255 quilômetros por hora. Bem, não era uma simples bicicleta. Era uma máquina especial, feita com uma espécie de carenagem, e de estrutura muito rígida. Ciclista e bicicleta foram lançados do alto de uma montanha, atingin-

do a impressionante marca.

Tal velocidade era inimaginável quando Leonardo da Vinci (sim, ele mesmo) fez estudos sobre a transmissão de energia por correntes. Seu trabalho tem nada menos que 700 páginas.

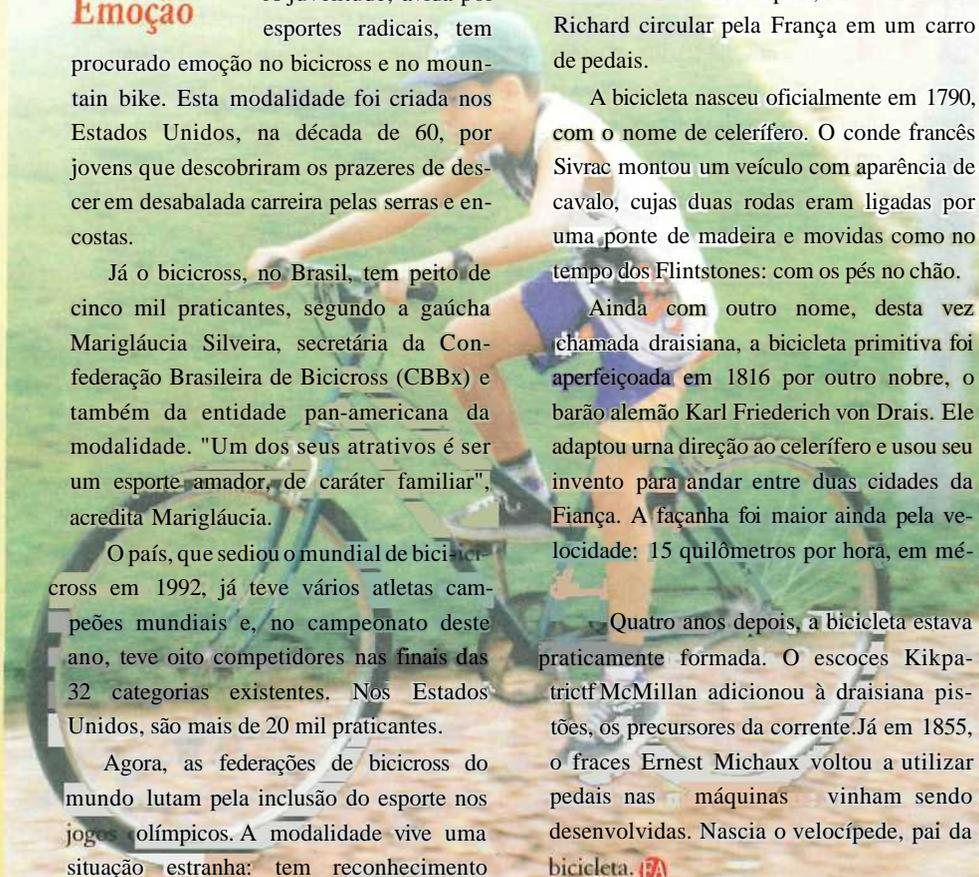
Antes da bicicleta surgir, em 1790, foram feitas várias tentativas de criar um veículo de duas rodas. Giovanni di Fontana, ainda em 1420, criou "o carro que se movia por si mesmo". Em 1680, Stephan Farffler construiu um veículo de três rodas, movido por uma manivela e com tração muscular. Dez anos depois, foi a vez de Elie Richard circular pela França em um carro de pedais.

A bicicleta nasceu oficialmente em 1790, com o nome de celerífero. O conde francês Sivrac montou um veículo com aparência de cavalo, cujas duas rodas eram ligadas por uma ponte de madeira e movidas como no tempo dos Flintstones: com os pés no chão.

Ainda com outro nome, desta vez chamada draisiana, a bicicleta primitiva foi aperfeiçoada em 1816 por outro nobre, o barão alemão Karl Friederich von Drais. Ele adaptou urna direção ao celerífero e usou seu invento para andar entre duas cidades da França. A façanha foi maior ainda pela velocidade: 15 quilômetros por hora, em mé-

Quatro anos depois, a bicicleta estava praticamente formada. O escocês Kikpatrick McMillan adicionou à draisiana pistões, os precursores da corrente. Já em 1855, o francês Ernest Michaux voltou a utilizar pedais nas máquinas vinham sendo desenvolvidas. Nascia o velocípede, pai da bicicleta. FA

Há mais de 10 mil praticantes de ciclismo em todo o país



Pipa: o litoral inesquecível

A 80 quilômetros de Natal (RN), a praia da Pipa reúne todo o tipo de atrações

A Mangueira com Chico Buarque, a França na Copa, Bill e Monica, a seca no Nordeste, a crise financeira, as eleições gerais, as fitas do BNDES ...ufa! Finalmente chegou o verão. Como ninguém é de ferro, a hora é de aproveitar. A idéia fixa é praia. Sol, mar, cervejinha gelada, um passeio de barco, uma água de coco, um peixinho no almoço, uma sonequinha na rede.

Se tudo isso já é bom, deixe a cabeça voar e se imagine em Tibau do Sul, no litoral do Rio Grande do Norte, a 80 quilômetros de Natal. Lá você encontra de tudo do bom e do melhor: excelente rede hoteleira com preços para todos os bolsos; culinária internacional, praias com golfinhos, maravilhosas falésias, coqueiros, passeios de barcos, tartarugas marinhas, cavalgadas, mar alto para surfar e por aí vai.

Chegar em Tibau do Sul é fácil. Basta contatar a Fenaetur, que possui pacotes de viagem incluindo toda a parte terrestre com traslado Natal-Tibau.

Pipa É um lugar especial. Distrito de Tibau do Sul é acobertada por um dos poucos trechos do nosso litoral que ainda mantém a beleza da Mata Atlântica. Suas águas são um convite para um mergulho. Sua natureza exuberante permite passeios ecológicos de duas horas, em companhia de guias, a preços módicos. Até mesmo de ultraleve o turista pode voar, conseguindo um visual privilegiado da região, que ainda inclui despenhadeiros, dunas e enseadas, "tudo isso aliado às cores do mar sempre azul e aos brancos das dunas desérticas".

Saindo da Pipa estão outras praias maravilhosas, como a do Moleque, do Amor, do Chapadão, Ponta do Madeiro, Curral do Canto, Cacimbinhas e Pedra D'Água. São verdadeiros paraísos ecológicos onde podem ser vistos sagüis, tartarugas marinhas e inúmeras espécies de aves habitantes do local.

Os habitantes da Pipa representam bem

o cenário da região, mesclando os pescadores e a população local com gente vinda de todas as partes do mundo, tais como franceses, italianos, alemães, argentinos, paulistas, mineiros.

Essa diversidade se reflete na culinária, que atende a todos os gostos. Comer em Pipa é um prazer, com suas vastas opções de co-

zinha nacional e internacional.

Alugar um carro é outra grande opção de lazer para o turista. Pode ser um bugre pelas desérticas e fascinantes dunas, ou com um Land Rover de tração nas quatro rodas. É descer o litoral em direção a Paraíba e curtir. Haja adrelina. Com o mar sempre por perto, o carro cruza matagais, percorre dezenas de quilômetros acobertados por maravilhosas falésias. Dá para percorrer as 11 praias da região com diferentes visuais em manobras radicais.

Entre as inúmeras praias do litoral do Rio Grande do Norte encontramos em Sibaúma, um antigo quilombo, uma rústica paisagem composta de falésias, caminho para um pequeno rio que, atravessado de balsa, permite desbravar Barra do Cunhaú, tão bela e especial quanto você possa imaginar.

Os passeios de barco são atrações fantásticas das praias de Tibau do Sul. Por cerca de R\$ 10,00 podemos velejar por duas horas na Lagoa e Guaraíras. Outra opção é ir aos bancos de areia, passando por viveiros de camarão e visitando a ilha do Flamengo.

Depois de curtir todas as opções de passeio durante o dia, programa obrigatório em Pipa é ver o pôr-do-sol. É um momento mágico de integração entre céu, sol, mar, mata e poesia. É o deslumbramento do homem frente a imensidão da natureza. É o instante de reverência ao "astro-rei".

A noite em Pipa é de muita badalação.

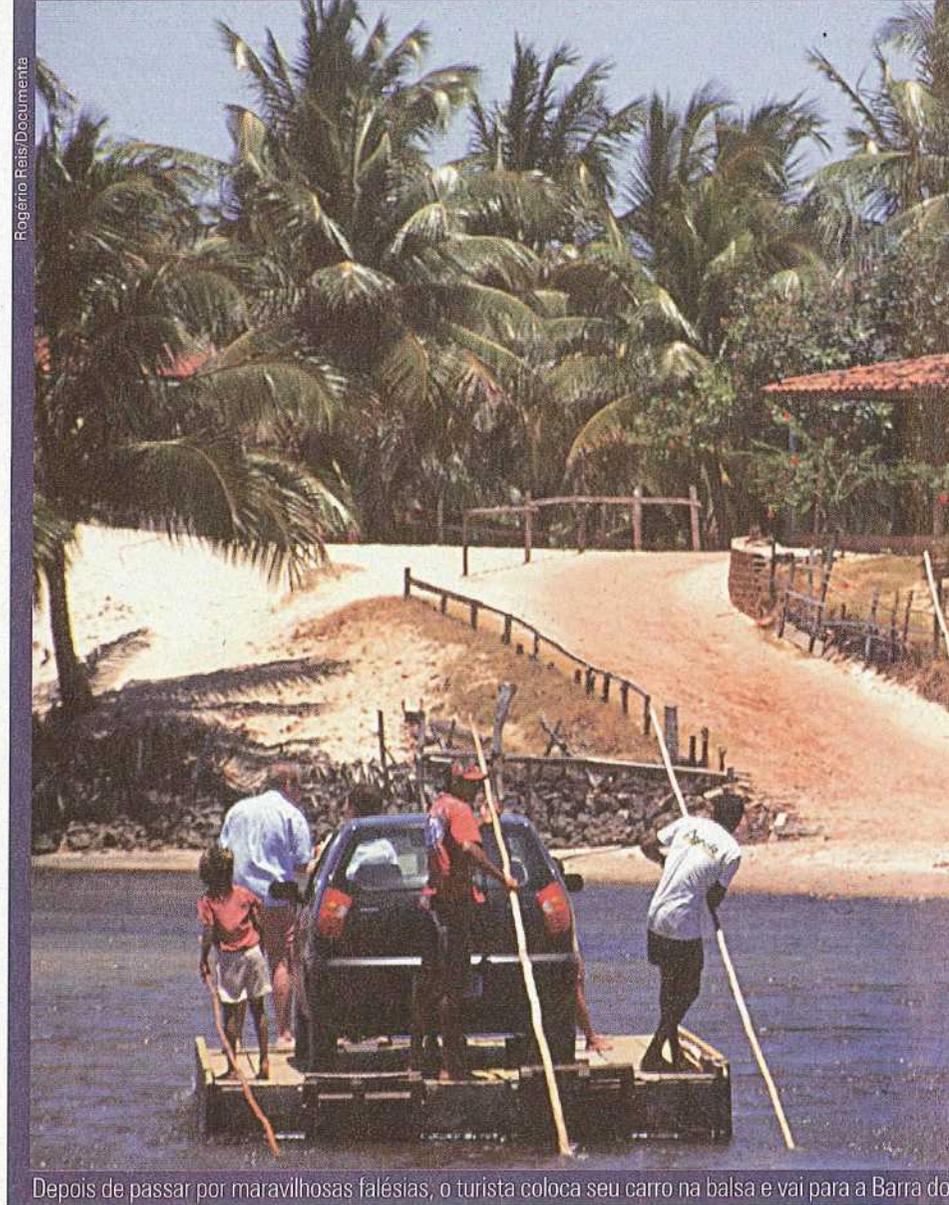
Existem bares, boates e restau-

rantes para todos os gostos. A badalação oferece desde o forró regional até o reggae e o rock. Dá pra dançar, beber e se divertir até a luz da lua pratear as dunas locais.

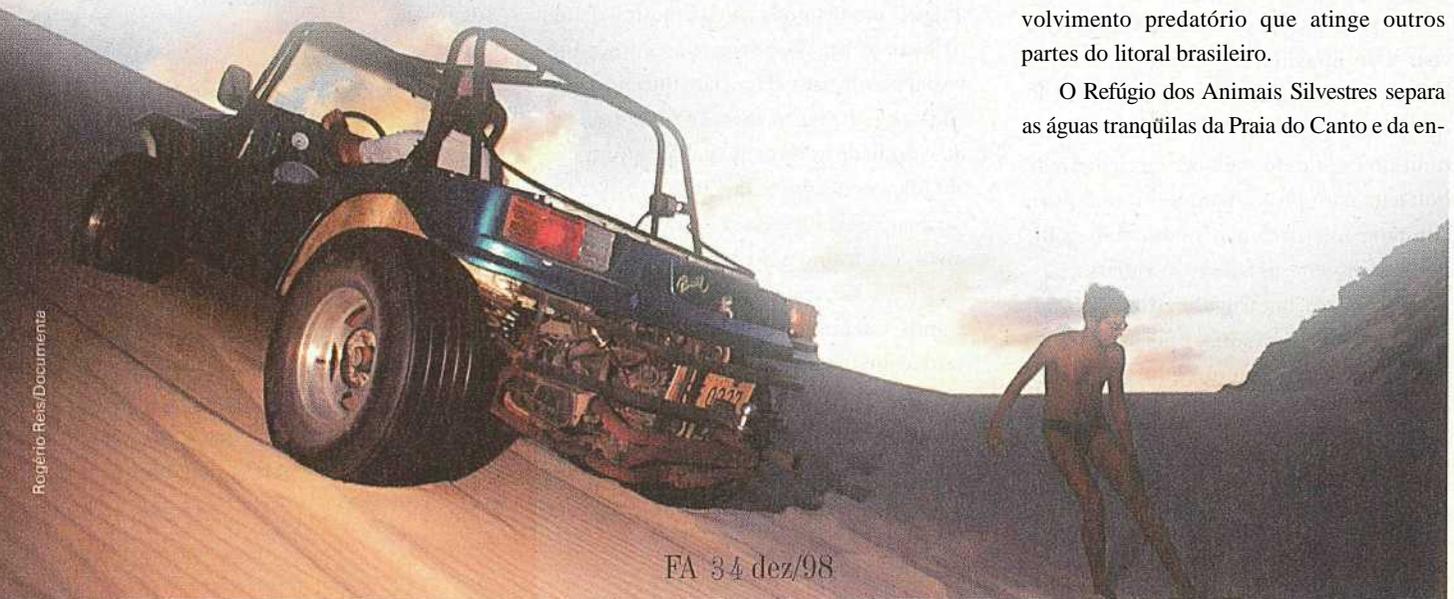
Santuário

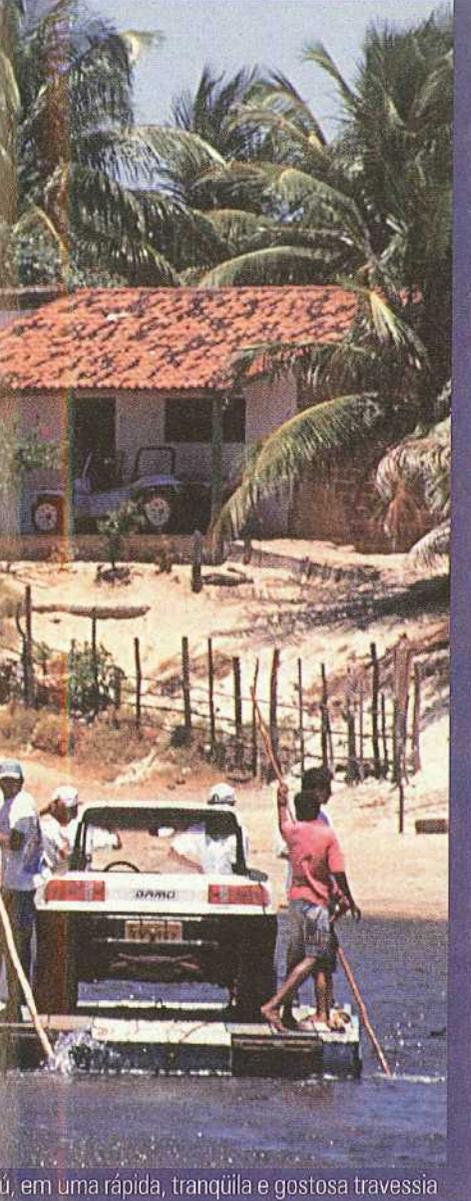
O Santuário Ecológico de Pipa nasceu quando os carros mal chegavam à praia. Sua proposta é proteger a harmonia, preservando a integração entre a natureza e a comunidade local. O objetivo também é evitar o desenvolvimento predatório que atinge outras partes do litoral brasileiro.

O Refúgio dos Animais Silvestres separa as águas tranquilas da Praia do Canto e da en-



Depois de passar por maravilhosas falésias, o turista coloca seu carro na balsa e vai para a Barra do





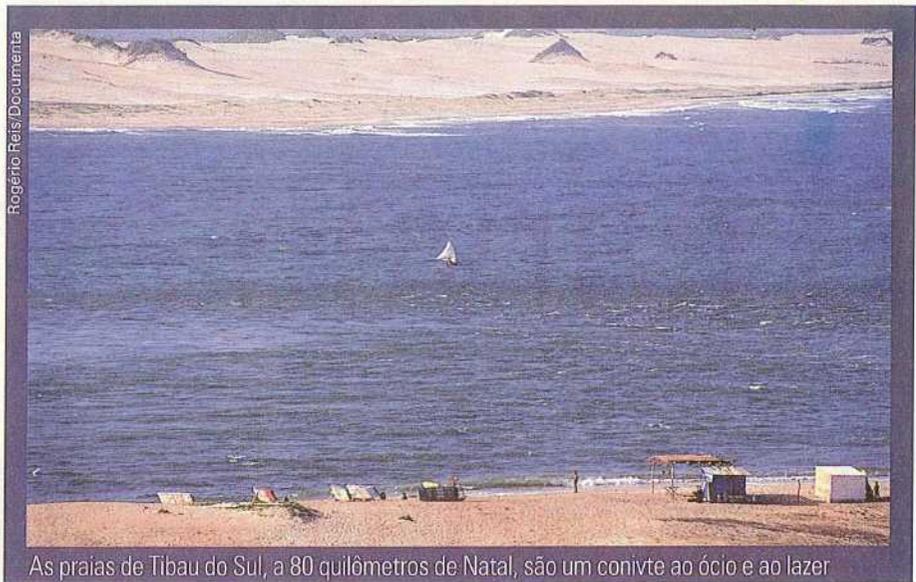
u, em uma rápida, tranqüila e gostosa travessia

seada do Madeiro. A fauna e a flora da Mata Atlântica estão à disposição do ecoturista.

O santuário resguarda ainda o Viveiro Florestal e a Horta Orgânica, o primeiro chegando a disponibilizar essências nativas e o segundo ofertando diferente sortimento de culturas, destacando-se as raças indígenas de mamão e banana.

Diferentes caminhadas podem ser feitas na região, dependendo do condicionamento físico do interessado. São treckings de níveis variando de um a cinco, passando pela Mata Atlântica com o mar emoldurando o visual.

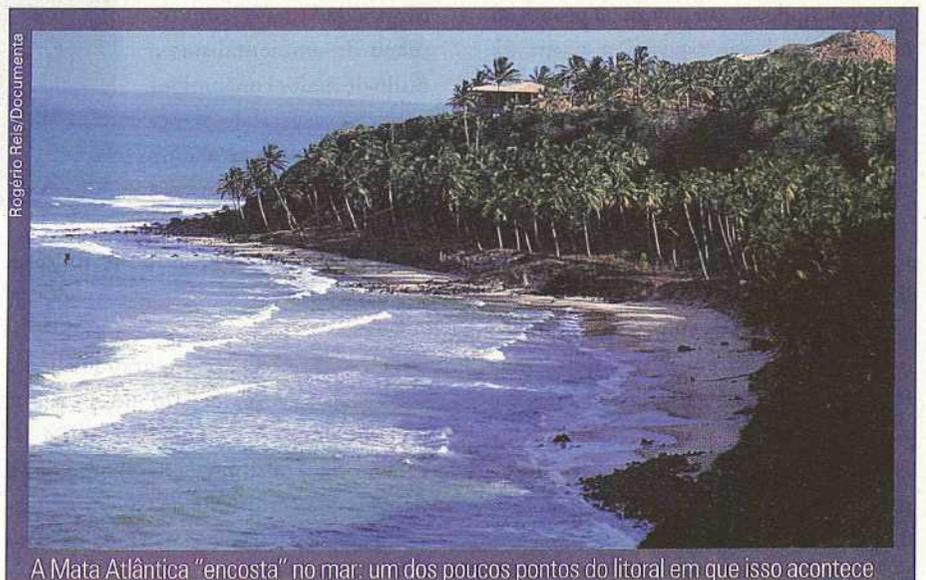
Pipa é mais que uma praia. É uma oportunidade de viajar, curtir a natureza, velejar, surfar, dourar ao sol, comer bem e aproveitar a beleza da vida, nos momentos que separamos para o nosso lazer. O direito ao ócio é fundamental para qualquer um.



As praias de Tibau do Sul, a 80 quilômetros de Natal, são um convite ao ócio e ao lazer



Pra quem quer descansar da praia, existem inúmeros hotéis e pousadas com piscina



A Mata Atlântica "encosta" no mar: um dos poucos pontos do litoral em que isso acontece

O carvão ainda ocupa o seu lugar

O petróleo domina o mundo da energia, mas o carvão move 20% do planeta

No mundo de energia dominado pelo petróleo, o carvão mineral ainda representa 20% da força que move o planeta. Esse tipo de carvão é usado na agricultura (fertilizantes e inseticidas), perfumaria, medicamentos, plásticos e explosivos.

Para se ter uma idéia, o carvão já foi responsável por 53% da energia gasta nos Estados Unidos, na década de 70. Depois de um período de estagnação, a produção foi retomada, em especial a partir de 1994. O mineral é utilizado principalmente no hemisfério norte, onde se concentram 97% das reservas mundiais, de cerca de cinco trilhões de toneladas.

Se o petróleo é usado maciçamente nos transportes, quase metade da geração de energia depende da combustão de carvão mineral. A evolução tecnológica tem tornado essa fonte mais atrativa, pela emissão de poluentes cada vez menor e alta eficiência demonstrada pelo produto. Assim, ele é cada vez mais utilizado na geração de energia termelétrica e na produção de calor na indústria.

Já o primo pobre do carvão mineral, seu correlato vegetal, tem sua importância diminuída a cada dia. A queima de madeira perde espaço para o uso de derivados de petróleo, ecologicamente menos nocivos e mais baratos. Além disso, há usos muito mais rentáveis da lenha.

Antes de entrar em decadência, a produção de carvão vegetal foi responsável pela degradação ambiental do cerrado mineiro. A indústria siderúrgica de Minas Gerais recebeu de ambientalistas o título de maior consumidor de carvão vegetal do planeta. A média de consumo anual chega a atingir sete milhões de toneladas, destinadas para a produção de ferro-gusa, aço e ferroligas.

Proteção O aço é o grande cliente do carvão no Brasil e, justamente por isso, poderia evitar a escalada de consumo. De acordo com pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia, "se o país reciclasse todas as latas

de aço que consome atualmente, seria possível evitar a retirada de 900 mil toneladas de minério de ferro por ano". Isso prolongaria a vida das reservas de carvão mineral e, ainda mais, evitaria o corte de 45 milhões de árvores por ano.

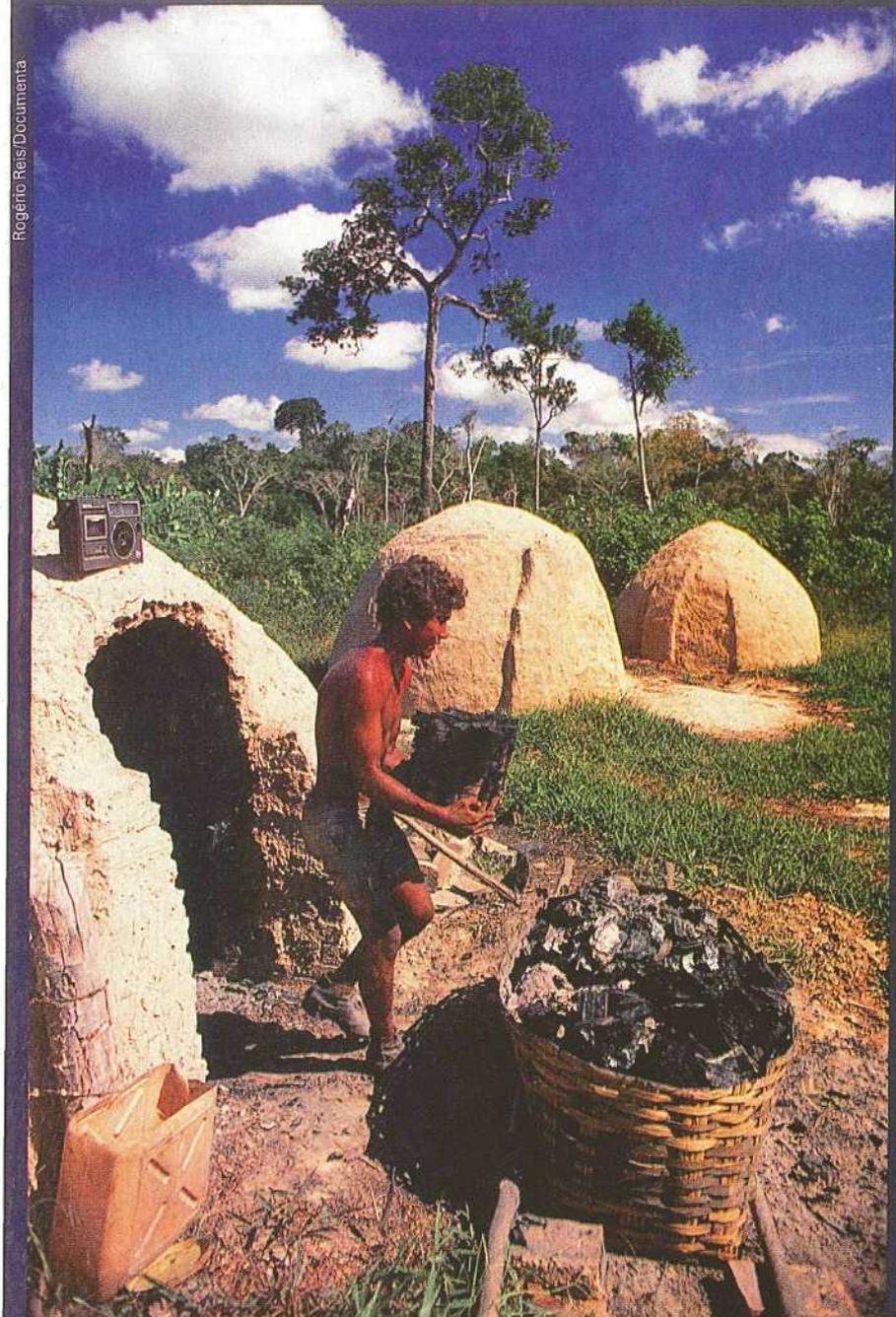
A preocupação ecológica entra em cena não somente antes do uso do carvão, mas principalmente durante sua utilização. "A destruição das florestas é o primeiro momento de dano ambiental", enumera o agrônomo Mário Assis Menezes, técnico do Fundo Mundial para a Natureza (WWF, na sigla em inglês). Já a queima do produto lança na atmosfera, tanto

na combustão incompleta da madeira para fazer carvão quanto no consumo final do produto, gases como monóxido e dióxido de carbono, óxido nitroso e metano, vilões do efeito estufa.

"Ao liberar gás carbônico - o dióxido, a queima de carvão faz exatamente o contrário do que a natureza pratica", diz Menezes. Se não bastasse esses danos

O aço é o
grande cliente
do carvão no
Brasil





A exploração predatória do carvão vegetal também é um atentado contra o trabalhador

ambientais, a população ainda fica ameaçada pela chuva de ácido sulfúrico, já que o carvão tem alto teor de enxofre.

Tudo isso pode ser evitado com tecnologia e uma boa dose de vontade econômica e política. Segundo o agrônomo do WWF, "não há interesse efetivo em combater a poluição surgida dessa forma, o que inclui a sociedade".

Além da exploração predatória da natureza, a produção de carvão - do vegetal, especialmente - também é um atentado contra o trabalhador. 'As empresas que produzem carvão buscam custos mínimos, o que passa pelo uso de matéria-prima na-

tiva a custo zero, emprego de menores e baixa remuneração", diz Menezes. Ou seja, "os gastos para gerar carvão são competitivos por exploração e depredação, não por qualidade. É o triângulo descuido ambiental, matéria-prima nativa e mão-de-obra explorada", diz o agrônomo.

Há formas para resolver o problema: o plantio de espécies reabsorve parte do carbono liberado com a queima. E, especialmente na Amazônia, utilizar o fruto do babaçu pode poupar a floresta nativa, além de gerar mais empregos. 'A solução para isso passa por educação e cidadania", finaliza Menezes.

Carvão mineral representa 5% do consumo de energia

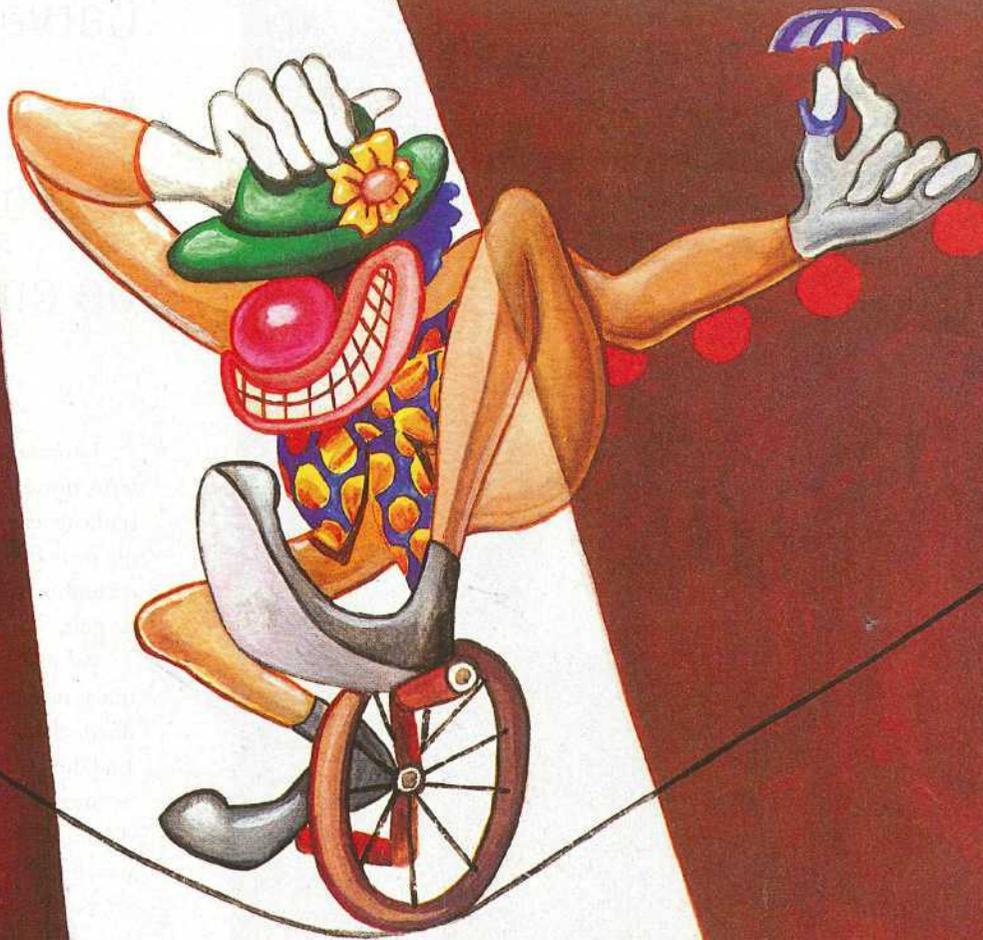
Largamente utilizado no hemisfério norte, o carvão mineral representa apenas 5% do consumo de energia primária no Brasil, mesmo sendo o combustível fóssil mais abundante do país.

As reservas do produto, concentradas na região Sul, somam 2,5 bilhões de toneladas equivalentes de petróleo. Embora pequenas, se comparadas com as cinco trilhões de toneladas no mundo, as reservas nacionais são suficientes para mais dois séculos de exploração.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as usinas termelétricas são os principais consumidores de carvão mineral no Brasil, utilizando cerca de 60% do total produzido. Em seguida, vêm as indústrias de cimento (16%), químicas (5,5%), papel e celulose (4,5%) e de alimentos (4%). As demais indústrias consomem o restante da produção.

Segundo o Ministério da Ciência e Tecnologia, "a utilização de carvão mineral para geração de energia é uma das mais desenvolvidas tecnologicamente", além de oferecer taxa de retorno para os investimentos no menor período de tempo.

Já o carvão vegetal, resultado da transformação de metade da lenha produzida no país, é voltado para indústrias siderúrgicas, principalmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais e, agora, Pará. Além de indústrias como a Companhia Siderúrgica Nacional e a Usiminas, por exemplo, a importância do carvão tem crescido no Pólo Carajás, no Pará, porque o ferro-gusa é produzido essencialmente a partir da queima do produto.



LANE

XVI Salon International
du Dessin de Presse et D'Humsur
Saint Just-Le-Martel - FRANCE
Du 27/09/1997 à 05/10/97



O que era preferencial na sua vida,
agora ganhou um Plus.

SEGURO
PREFERENCIAL
VIDA **plus**

Plus, porque o seguro que já valoriza seu capital, agora vai valorizar ainda mais - além das coberturas que você já conhece, tem novas coberturas para doenças graves, como: cardíaca, pulmonar, renal, AIDS, neoplásicas malignas, paralisia irreversível e incapacitante. **Plus**, pelo serviço funeral que oferece aos segurados e dependentes toda uma assistência em caso de falecimento. **Plus**, já que os filhos menores de 21 anos e maiores de 15 anos*, passam a ter cobertura automática (no valor de 10% da Cobertura Básica do Segurado Principal). **Plus**, ao permitir a inclusão de parentes (pai, mãe, filhos e irmãos), através de desconto por débito automático em conta corrente ou pagamento por ficha de compensação. **Plus**, porque além de você se sentir mais seguro, vai concorrer a R\$ 10.000,00 todo mês. Tudo isso com o menor custo do mercado e a garantia da SA SSE. O que era Preferencial Vida, agora é Preferencial Vida Plus. Quer mais?

* Limite somente para os menores de 14 anos (neste caso, o seguro destina-se apenas ao reembolso das despesas com funeral).





FENAETUR

Sua viagem na melhor companhia



Praia da Pipa

4 dias



- ✓ 3 noites de hospedagem com café da manhã
- ✓ Bolsa Fenaetur
- ✓ Seguro viagem
- ✓ Translado Natal / Tibau do Sul / Natal - opcional

Hóteis	IND	DBL	TPL
Marinas Tibau	208,00	111,00	93,00
Ponta do Madeiro	190,00	103,00	91,00

Aéreo consultar condição especial FENAETUR

Preços por pessoa em R\$ reais sujeito a reajuste sem prévio aviso.
Válidos para saídas até 20/12/98, exceto feriados e datas especiais

Fenaetur@fenaet.org.br

Belém (091) 224-2096 / Belo Horizonte (031) 201-4196 / Brasília (061) 226-8821 / Fortaleza (085) 261-7700

Recife (081) 465-3062 / Rio de Janeiro (021) 509-3462 / Salvador (071) 340-6856

DEMAIS LOCALIDADES CENTRAL RESERVAS BRASIL TOOL FAX: 0800 614060